

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO ESTADO DO PARÁ - CESUPA
ESCOLA DE NEGÓCIOS, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO - ARGO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

KAROLAYNE TENÓRIO TORRES
YASMIN DE NAZARÉ CUNHA MESQUITA

**PROJETO EXPERIMENTAL:
DOCUMENTÁRIO “PARACURI: MÃOS QUE CRIAM”**

BELÉM

2023

KAROLAYNE TENÓRIO TORRES
YASMIN DE NAZARÉ CUNHA MESQUITA

**PROJETO EXPERIMENTAL:
DOCUMENTÁRIO “PARACURI: MÃOS QUE CRIAM”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Negócios, Tecnologia e Inovação do Centro Universitário do Estado do Pará como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social — Publicidade e Propaganda na modalidade PRODUTO.

Orientador: MSc./Dr. Lídia Rodarte
Coorientador: MSc./Dr. Ana Paula Dias Andrade

BELÉM

2023

KAROLAYNE TENÓRIO TORRES
YASMIN DE NAZARÉ CUNHA MESQUITA

PROJETO EXPERIMENTAL -
DOCUMENTÁRIO “PARACURI: MÃOS QUE CRIAM”

Trabalho de conclusão de curso, modalidade PRODUTO, apresentado à Escola de Negócios, Tecnologia e Inovação do Centro Universitário do Estado do Pará como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Ma. Lidia Karolina Rodarte

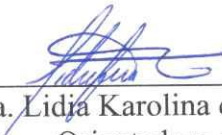
Coorientadora: Dra. Ana Paula Andrade

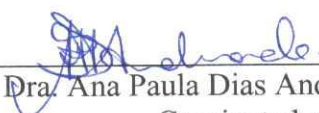
Data da aprovação: 11 / 12 / 2023


Nota final Aluno 1: 10


Nota final Aluno 2: 10

Banca Examinadora


Ma. Lidia Karolina de Sousa Rodarte (CESUPA)
Orientadora e Presidente da Banca


Dra. Ana Paula Dias Andrade (UFPA)
Coorientadora


Me. Danilo Miranda Caetano (CESUPA)
Examinador(a) Interno(a)


Me. Nassif Ricci Jordy Filho
Examinador(a) Externo(a)

“O que conecta a gente são as histórias!”

(MAYNARA SANTANA)

AGRADECIMENTOS

A meu grande amigo Marcus Lima, por me ajudar na descoberta de minha vocação, escolha de curso em meio a emaranhadas confusões e por todo apoio durante essa caminhada. À minha mãe, irmã e avó, pilares que compreenderam meus sonhos e nutriram minha vocação, prometo me dedicar inteiramente. Cada esforço é um presente, uma expressão do orgulho que busco cultivar de vocês.

Aos professores, agradeço por serem meus guias marcantes em meu percurso acadêmico. Principalmente a Marianna Menezes, tua inspiração é um incentivo constante, eu não poderia ter uma mentora mais incrível no estágio e em sala de aula. Você me moldou, acreditou em mim, ensinou, orientou e sou muito sortuda e grata ao universo em ter colocado você no meu caminho. Danilo Miranda, agradeço pela paciência de um amigo verdadeiro e pelo aprendizado pleno em sala de aula. Erika Oikawa, quero compartilhar minha admiração e gratidão pelo seu trabalho e paciência. E por toda vez que fui me lamentar para você na sala de orientação do curso.

A orientadora Lídia Rodarte, quero deixar minha gratidão pela coragem e orientação que foram peças-chaves no desenvolvimento desse projeto. A coorientadora Ana Paula Dias Andrade, meu reconhecimento pelos conselhos valiosos que foram como apoios, suavizando os desafios ao longo da graduação.

Cada palavra, comentário e gesto construtivo de vocês têm sido verdadeiros suportes nos momentos mais desafiadores. Comprometo-me, de coração aberto, a ser melhor versão de mim mesma. Espero que recebam não apenas meu empenho, mas também o respeito e a dedicação que mantenho por este caminho inspirador que compartilhamos nesses 4 anos.

Karolayne Tenório Torres

AGRADECIMENTOS

A minha jornada acadêmica não foi solitária, assim como a construção deste projeto audiovisual. Agradeço aos professores da instituição por apoiar as nossas ideias e proporcionar a liberdade criativa. À Marianna Menezes que confiou no meu potencial, tornou a minha experiência na Storm única. Ao Danilo Miranda por estimular o meu crescimento pessoal, pelos feedbacks de apresentação e sua preocupação quando eu não estava presente na aula, pois me instigou a ser mais participativa e obstinada.

Agradeço ao meu pai, Carlos Mesquita, que sempre me incentivou e encorajou na minha caminhada acadêmica e profissional. À minha mãe, Sheila Cunha, que comemorou desde as minhas grandes até as pequenas conquistas; à minha avó Claudete Mesquita, que nunca deixou de participar das minhas vitórias e de compartilhar das alegrias da vida. Não poderia esquecer da minha pequena criança, Karla, minha irmã, que é fonte de luz e carinho.

Agradeço à minha Orientadora Lídia Rodarte que desde o primeiro contato com o nosso objeto de estudo estimulou e abraçou o projeto. À Ana Paula Andrade, nossa coorientadora que me estimulou no processo da minha caminhada profissional, a experimentar e agarrar as oportunidades da vida.

Aos meus amigos e parceiros de trabalho da TV Cultura, por todas as vezes que cheguei angustiada pelo TCC e me fizeram rir, fazendo eu esquecer do meu dia cansativo. Vocês escutaram eu reclamar dos processos, mas sempre me encorajaram a seguir em frente e encarar a vida com coragem. Por todos os almoços no Gugu, churrasquinhos do Chagas e as risadas escandalosas pela ilha de edição. Em especial, ao Vitor Souza por aceitar editar o projeto, construir a narrativa com suas ideias e habilidades que deram ritmo e dinâmica para o documentário.

Yasmin de Nazaré Cunha Mesquita

RESUMO

O presente trabalho descreve o processo de realização de um documentário que investiga: “Como se dá a transmissão intergeracional do conhecimento ancestral através da produção da cerâmica do Paracuri em Icoaraci?”. A motivação para a construção deste produto audiovisual parte da observação do fato de que a tradição ceramista está ligada a elos familiares e se tornou uma cultura forte e simbólica do estado do Pará que merece reconhecimento e divulgação. Um documentário foi a ferramenta que identificamos ser a melhor maneira de contar essa história. Com isso, definimos realizar uma pesquisa exploratória e documental onde pudéssemos fazer com que os próprios artesãos contassem a sua história, o produto audiovisual foi criado para que isso fosse possível e imergindo espectador dentro do ambiente de criação e vivência desses artistas. Como resultado percebemos que mesmo com a modernização e modo de viver diferente das novas gerações a cultura ceramista continua viva, se adaptando e englobando as mudanças do mundo, assim como durante os mais de 100 anos de sua história. Como conclusão identificamos que apesar do ofício ceramista não ser exclusivo de um povo, a cultura ceramista da forma que existe no Paracuri só teve esse destino por ser Icoaraciense

Palavras-chave: Documentário. Cerâmica. Tradição. Paracuri. Pará.

ABSTRACT/RESUMEN/RÉSUMÉ

This present work outlines the process of creating a documentary that investigates, "How is the intergenerational transmission of ancestral knowledge achieved through the production of Paracuri pottery in Icoaraci?" The motivation behind developing this audiovisual product stems from the observation that the ceramic tradition is deeply connected to familial bonds and has become a strong and symbolic culture in the state of Pará, deserving recognition and dissemination. A documentary was identified as the most effective tool to narrate this story. Consequently, we opted for an exploratory and documentary research approach, aiming to let the artisans tell their own story. The audiovisual product was crafted to immerse the audience in the creative and experiential environment of these artists. As a result, we observed that despite modernization and a different way of life for newer generations, the ceramic culture remains vibrant, adapting and incorporating changes in the world, just as it has throughout its over 100-year history. In conclusion, we recognize that while the craft of pottery is not exclusive to a particular people, the unique ceramic culture of Paracuri has endured due to its connection to the people of Icoaraci.

Keywords: Documentary. Pottery. Tradition. Paracuri. Pará.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (OPCIONAL)

Figura 1 - Referência de enquadramento entrevista	46
Figura 2 - Referência entrevista	47
Figura 3 -Referência de enquadramento entrevista	47
Figura 4 -Referência de imagem de apoio	48
Figura 5- Referência de imagem de apoio	49
Figura 6- Referência de imagem de apoio	49
Figura 7 - Lettering Doc	54
Figura 8- Aplicação Lettering	54
Figura 9 - Caixa de identificação	55
Figura 10 - Aplicação caixa de identificação entrevistados	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de Personagens	27
Tabela 2 - Roteiro	29
Tabela 3 - Cronograma de Planos	37
Tabela 4 - Cronograma de quadros	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 JUSTIFICATIVA	16
1.2.2. TRANSMISSÃO DO SABER ANCESTRAL	21
1.2.3. CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS	22
1.3. METODOLOGIA DA PESQUISA	23
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	25
2. RELATÓRIO TÉCNICO DO PRODUTO	26
2.1 PRÉ-PRODUÇÃO	26
2.1.1 Desenvolvimento do produto audiovisual	26
2.1.2 Listagem de personagens	26
2.1.3 Roteiro	28
2.1.4 Planejamento e organização das filmagens	37
2.1.5 Cronograma de filmagens	37
2.1.5 Definição da equipe técnica	39
2.1.6 Definição das locações	39
2.1.7 Cronograma de Planos	41
2.2 PRODUÇÃO	50
2.2.1 Direção	50
2.2.2 Produção mãos que criam	50
2.2.2 Direção fotográfica	51
2.3 PÓS-PRODUÇÃO	52
2.3.1 Edição de imagem	52
2.3.2 Edição de som	53
2.3.3 Circulação e exibição	53
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56

REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A - PAUTA GRAVAÇÃO 1	62
APÊNDICE B - PAUTA GRAVAÇÃO 2	63
APÊNDICE C - PAUTA GRAVAÇÃO 2	67
APÊNDICE D - PAUTA GRAVAÇÃO 3	70
APÊNDICE E - PAUTA GRAVAÇÃO 4	73
APÊNDICE F - PAUTA GRAVAÇÃO 5	76

1.INTRODUÇÃO

Icoaraci, distrito industrial da capital paraense Belém, é reconhecido pelo seu bairro Paracuri, onde tem as famosas olarias, nas quais são feitos produtos artesanais provenientes do barro, um ofício que vem sendo cultivado há mais de cem anos na região. Em 2022 a cerâmica do Paracuri tornou-se Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial por meio da Lei n.º 9.743/2022. Essa conquista reforça a relevância da cultura artesanal para identidade amazônica, uma vez que as vivências cotidianas e as produções culturais carregam memórias ricas de um povo, as quais podem ser representadas pelos ofícios da pesca, caça, cultivo e artesanato. O fator da transmissão de saberes é uma peça-chave nessas produções.

É nessa conjuntura que as técnicas artesanais espelham a conexão da ancestralidade e a memória que ecoa por gerações. A cerâmica do Paracuri se desenvolve em Icoaraci, onde tem uma dimensão coletiva que vai além de técnica, expressa valores, estrutura social, identidade e necessidades. O seu estudo é vital para preservar esses saberes e dar continuidade a essas produções populares, já que documentam vivências e experiências de um povo.

Logo, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo a criação de um produto Audiovisual, que se materializa em um documentário com duração de 20 minutos, o qual investiga “Como se dá a transmissão intergeracional do conhecimento ancestral através da produção da cerâmica do Paracuri em Icoaraci?”. Essa questão se construiu a partir da observação do fato de que a tradição ceramista está ligada a diversos fatores externos que o saber é passado entre gerações, pois as olarias são negócios familiares. Assim, através dos anos, as famílias desenvolveram suas técnicas, identidade próprias, provenientes de suas experiências. Visto que a comunicação é base das relações interpessoais desses artesãos, esse conhecimento ceramista foi compartilhado através da oralidade e das suas experiências empíricas, ou seja, do contato sensível entre as comunidades artesãs, nas quais as referências mudam normalmente com o passar das gerações.

O propósito deste projeto é compreender, relatar e divulgar a relevância da tradição por meio da produção ceramista do paracuri nas olarias de Icoaraci, em reconhecimento à relevância do saber ancestral passado através de gerações. Por isso foi produzido um documentário para contar essas histórias. Para chegar nesse resultado entrevistamos ceramistas do bairro do paracuri, para atingir esse objetivo, foi necessário que atendessem aos seguintes objetivos específicos:

- A. Pesquisar as influências amazônicas a partir da análise de traços e símbolos produzidos nas olarias de Icoaraci;
- B. Mapear as relações e hábitos culturais a partir do processo de confecção das peças artesanais;
- C. Identificar qual a natureza das relações e seus impactos no modo de produção ceramista do Paracuri;
- D. Observar a relação da cerâmica com a economia familiar e o turismo.

Ao observar o artesanato proveniente do barro, foi percebido a influência de outras regiões do estado, proveniente de convívio com pessoas de outras localidades. Onde o conhecimento mais aprofundado sobre as peças arqueológicas, como a tapajônica e marajoara, foram influências adquiridas ao longo da história dessa atividade. Com isso somaram com suas características arqueológicas que passaram a ser reproduzidas pelos artesãos, bem como a modernização, que tem trazido novos espectros de inspiração para esse ofício que, apesar da tendência das novas gerações de se desprender de ofícios trans geracionais, segue vivo e se atualizando.

Os mestres artesãos criavam peças visando a utilidade das mesmas, eram objetos de uso domésticos como vasos, recipientes, tigelas, copos e o famoso filtro de barro. Com o passar dos anos, a produção foi se modificando e os objetos começaram a ter algumas gravuras, desenhos e o desprendimento do uso apenas utilitário foi tomando conta da profissão. O modo de produção e as técnicas também foram se atualizando e se otimizando com o tempo.

O processo de transformar o barro em cerâmica é um saber milenar, as quais são explorado e estudado, são encontrados em contextos diversos, a partir de registros arqueológicos. “Os objetos cerâmicos podem ser lidos pelos arqueólogos como verdadeiros documentos que nos falam das tradições tecnológicas, das relações sociais e dos universos simbólicos dos povos que os produziram e utilizaram”. (BARRETO, 2016, p. 20).

No entanto, é relevante pontuar que a cerâmica não pode ser analisada sob a ótica do passado, é uma arte pulsante onde o saber é passado através de gerações, que as técnicas servem de inspiração e influência para novos movimentos.

Cristina Barreto (2016, p. 21) descreve sobre as cerâmicas serem os objetos arqueológicos mais encontrados e estudados, com isso conseguimos identificar que esse artesanato carrega as tradições e memórias que documentam vivências e experiência de um

povo com a natureza e sociedade. O seu estudo é vital para preservar esses saberes e dar continuidade a essas produções.

De acordo com Lilian Amorim (2010, p. 25), “Herdeiro dos estilos cerâmicos das culturas arqueológicas marajoara e tapajônica, o povo paraense tem uma predileção ao motivo decorativo marajoara”. Dessa forma, essa influência pode ser encontrada na maior parte da produção das olarias do distrito de Icoaraci, em Belém, é a principal referência na reprodução de peças com inspiração em motivos dessa cultura.

A matéria-prima, o barro, proporciona possibilidades de explorar texturas, formas e volumes, a cerâmica carrega um valor social único. Por ser como esses artistas se relacionam com o mundo, assim indica que existe uma ligação entre o saber/fazer da atividade e a essência de vida desses artesãos, que vai além de uma fonte de renda, esse ofício está ligado aos valores, a cultura, sentimentos e a sua ancestralidade. Essa transmissão constrói os sentidos de comunidade, ela conecta crenças, vivências, histórias e cultura, elementos materializados em suas artes.

Ao produto final se agregam outros valores que vão ao encontro de seu reconhecimento como patrimônio imaterial, por ser: transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2010: s.p.).

Outro ponto interessante é que nesses processos de transmissão do saber popular, gera novas formas de se comunicar, assim como os artesãos usam essa matéria-prima para retratar sua visão de mundo. A nova geração usa as redes sociais como ferramenta de comunicar e levar esses saberes adiante, nasce assim outras formas de consumir a cerâmica compartilhando o valor material e simbólico através das redes sociais, pelo Instagram e Facebook. As redes são usadas para contar vivências, experiências, criar conexões, garantindo uma imersão cultural.

Válido pontuar que Bill Nichols (2005), destaca que a construção de documentários não segue técnicas rígidas, permitindo abordagens espontâneas e fluidas. A criação é influenciada pelo contexto da filmagem, possibilitando experimentações. Nichols ressalta que a tradição documental tem em vista transmitir autenticidade, considerando a imagem como um testemunho da realidade. A influência na perspectiva do espectador é um objetivo recorrente em muitos documentários. Assim, comunicamos o desdobramento dessa cerâmica no Bairro, retratando o cotidiano e a relações dessa comunidade oleira.

1.1 JUSTIFICATIVA

A cerâmica de Icoaraci moldou sua própria identidade, as peças são um modo de expressão, são a materialização da vivência, dos saberes e da cultura de um povo. MORAIS (2014) discorre sobre o termo: “Cerâmica Icoaraciense” estar diretamente relacionada a essa ligação de identidade, o “Icoaraciense” não só delimita o produto como sendo proveniente daquela localidade. Mas também remete essa carga de que a cerâmica ali produzida é uma expressão da comunidade e carrega consigo os significados históricos de um ofício moldado ao longo do tempo e que somente teve esse destino por ser icoaraciense. Após compreender essa relação social e histórica, despertamos para a necessidade de pesquisar mais sobre esse objeto de estudo, quem são esses artesãos, quais são as suas histórias e o que esse trabalho representa para eles.

O nosso primeiro contato com o objeto foi a partir do circuito da cerâmica produzido pelo Chibé Literário¹ em parceria com o Ecomuseu² no dia da Amazônia. Esse evento teve como objetivo compartilhar o funcionamento das olarias, mostrar o movimento do Paracuri e seus artesãos, ao falar da tradição ceramista que atravessa gerações. O evento proporcionou o conhecimento do contexto social e histórico no qual a cerâmica do Paracuri está inserida. Nos ajudou a entender que o distrito de Icoaraci é um dos principais polos de artesanato da Região Norte, mas a sua cultura artesanal encontra-se desvalorizada perante o cenário regional e nacional.

O circuito proporcionou o contato com a comunidade, quem são essas pessoas que estão por trás do movimento, quais narrativas são contadas e passadas por gerações. A visita guiada mostrou um olhar sensível para esse movimento, o que foi essencial para conhecer esses agentes culturais. Foram desencadeados alguns debates e *insights*, como o papel da mulher na introdução da cerâmica nas novas gerações. Foi compartilhado na roda de conversa que elas eram o primeiro contato ao colocar jovens no ofício nas olarias. Além disso, a questão dos artesãos serem guardiões desse lugar também foi levantada, e de como essa nova geração tem um papel de fortalecer e divulgar a cultura. O Paracuri é um território sagrado, repleto de cultura e arte, que deve ser protegido, além disso, outra questão presente no circuito foi o fato que a cerâmica adquire um olhar individual de cada artesão. Ela representa as suas experiências, vivências no mundo, cada ceramista carrega a sua técnica e modo de produção, assim, cada peça tem um valor sentimental e social.

¹ Espaço literário em Icoaraci-PA.

² Museu cujo acervo é proveniente dos povos naturais da Amazônia e cultua as tradições e culturas da região.

O circuito da cerâmica foi uma experiência documental, uma pesquisa de campo que possibilitou um contato direto com essas pessoas que fazem parte do processo. Assim, reforçou o valor do objeto de estudo e a necessidade de ser documentada, logo, acarretou inúmeras ideias de conceitos e abordagens para o documentário. Além disso, o circuito foi vital para conhecer o bairro e ter noções de espaço para a nossa equipe se preparar para as gravações das entrevistas.

A cerâmica tem as suas particularidades, é sobre oralidade, tradição e comunicação, mas também sobre a individualidade que cada artista expressa no barro, o que fez com que se tornasse patrimônio imaterial. Segundo Suze Piza (2012, p. 27), “A diversidade, expressa por uma espécie de polifonia, em que grupos sociais passam a ter espaços nos quais podem dizer sua própria palavra”, permite uma variedade de perspectivas e expectativas constitutivas do mundo contemporâneo. Nos seus estudos ela pontua a subordinação a uma epistemologia dominante, que se apresenta de forma universal e neutra, a qual foi fortalecida pela modernidade, sendo um fenômeno europeu, em que coloca os dominados em uma relação de subalternidade, as narrativas que divergem são consideradas irrelevantes e subvalorizadas. O nosso objeto é um produto decolonial, uma vez que é trabalhado, a partir dele, a relação significativa do artesanato com o saber popular.

Existe um cruzamento epistemológico do saber científico e o saber popular, que tem como resultado o movimento do Paracuri. Essa produção sofre com a invisibilidade, seja pela falta de investimento do Estado, pela falta de incentivo e divulgação ou mesmo pela desvalorização do que é produzido pela cultura local. Esse olhar crítico pode ser aguçado pelos estudos decoloniais, visto que o legado colonial desvalorizou historicamente as contribuições culturais e artísticas das populações indígenas e de outros grupos colonizados. Válido reforçar que o Pará tem uma longa história de colonização e exploração. É possível verificar uma invisibilização ou menosprezo dos conhecimentos ancestrais, “pois é a ideologia hegemônica eurocentrada que continua prevalecendo nos espaços sociais institucionalizados, como escolas e universidades” (SUZUKI, 2019, p.274).

Para Aníbal Quijano (2005) a questão de “raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população”. Para legitimar as relações de dominação imposta pela conquista, levando a naturalização dessas relações coloniais. Válido ressaltar que o autor a ideia de raça, em seu sentido moderno, não era conhecida antes do Descobrimento da América.

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a idéia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. (Quijano, 2005, p.277)

De encontro a essa questão, a formação das relações sociais fundadas na ideia de raça produziu nas Américas novas identidades sociais — indígena, negros, mestiços —, bem como redefiniu outras. Aquilo que era considerado identidade pautada em procedência geográfica ou país de origem. Quijano salienta, cria-se então hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, como se deles fossem constitutivas, e, por conseguinte, ao padrão de dominação que se impunha. Com efeito, reprimiram as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade.

Na contemporaneidade, as redes sociais, as mídias e os produtos audiovisuais, são meios que podem ser utilizados para desafiar os legados do colonialismo e reconhecer as práticas culturais. Se bem utilizadas, se convertem em espaço para compartilhar ideias, resgatar histórias, se conectar com pessoas, reforçar um valor, consegue democratizar esse saber, de compartilhar vivências e experiências presentes na produção artesanal com o mundo. Concluimos que esse diálogo é vital e documentar isso é mostrar para o mundo que podemos contar nossas próprias histórias, nos colocando como protagonistas. A nossa cultura é rica em diversidade e se manifesta também através do artesanato, que reflete a sua conexão com a sociedade e a natureza.

O documentário foi pensado como um espaço para registrar o consumo simbólico e celebrar a preservação da cultura ceramista. É válido pontuar que uma das nossas motivações para documentar a comunidade do Paracuri, foram as novas construções de conhecimento específico, que através do caminho epistemológico, é adquirido a partir dos princípios da crença, verdade e justificativa.

A direção do produto foi conduzida de forma espontânea, onde já tinha um pré-roteiro e um encaminhamento, mas visamos trazer autenticidade e realidade das falas. Já que em alguns momentos reproduzimos as mesmas perguntas, mas cada um teve uma resposta diferente. Pois cada entrevistado tinha uma relação íntima com essa matéria-prima, logo se construiu uma narrativa composta pela pluralidade. Em que existe um reconhecimento do objeto, as quais são construídas e reconstruídas “por uma diversidade de agentes discursivos e comunidades interpretativas” (NICHOLS, 1991, p. 17).

1.2 O ATO DE DOCUMENTAR

O documentário do presente estudo foi feito com estrutura observativa, o roteiro, criado com base nos estudos analisados e nas entrevistas previamente feitas com os artesãos, desta forma para conseguirmos transmitir uma mensagem mais intimista sobre o ofício e a vida dos participantes.

Nicholls (2005), discorre sobre a observação, sobre compartilhar uma essência poética, com isso podemos criar imagens que não dependem da atuação, mesmo que ensaiada dos artesãos, conseguindo assim capturas orgânicas e espontâneas, o que se encaixa no modo descrito por Nicholls (2005, p. 137): “(...) observando acontecimentos que pareciam ocorrer como se eles não estivessem presentes”, ou seja, a cena pode ser criada com os participantes agindo como eles mesmos, com registros de momentos captados de seu próprio viver cotidiano. Como resultado, “a combinação da paixão pelo registro do real com um instrumento capaz de grande fidelidade atingiu uma pureza de expressão no ato da filmagem documental” (NICHOLS, 2008, p. 118).

Esse projeto experimental é a junção de conhecimentos das diretoras, buscado produzir um material audiovisual que combine suas habilidades técnicas com suas visões de mundo. A partir do seu respeito pela arte, suas inquietações sobre o conhecimento artesanal desvalorizado, sua relação mais íntima e respeito pela comunidade oleira em Icoaraci. Existe uma paixão e entusiasmo, uma necessidade desse registro audiovisual, valorizar essa cultura para não ser esquecida, resgatar histórias contadas pela oralidade, cultuar esse trabalho centenário, repleto de arte, cultura e histórias. Destacando quem são essas pessoas, qual é esse trabalho artesanal e o que representa para eles e para suas famílias. Visto que a história da cerâmica no bairro é antiga, onde teve vários agentes que impulsionam essa cultura e reinventaram o modo de produzir peças de argila.

É nesse cenário que os mestres Cabeludo e Cardoso, resgataram o estilo marajoara, tornando-se catalisadores de um movimento que ecoa as histórias enraizadas no núcleo familiar e que resistem ao tempo. O Paracuri se tornou um ponto de convergência de estilos, formas e tradições, revelando não apenas uma arte, mas uma herança cultural profundamente entrelaçada com a identidade dessas comunidades.

1.2.1 COMUNIDADE E IDENTIDADE

Nesse sentido, as olarias cresceram em volta do Bairro do Paracuri, que é repleto de arte e conhecimento. As comunidades desse bairro compartilham um saber centenário, onde a transmissão de conhecimento, técnica e habilidade em cerâmica movimentou o distrito de Icoaraci há muito tempo. É uma das expressões artísticas da região amazônica e um modo de ganhar a vida. É nesse núcleo que encontramos o Mestre Rosemiro Souza Pinheiro, filho de Pedro Celestino Pereira, que iniciou sua jornada na cerâmica em 1950, tornando-se um líder ceramista respeitado em Icoaraci, Belém (PA). Sua olaria, ativa desde a década de 1960. Rosemiro, autodidata, compartilha seus conhecimentos, tendo ensinado as gerações posteriores e contribuído para a tradição ceramista de Icoaraci. Sua filha, Rosimara, também é mestre ceramista, evidenciando a transmissão familiar do saber.

A história de Rosemiro remonta aos anos 1960, quando, influenciado por seu amigo Cabeludo, dedicou-se à cerâmica marajoara. Com a ajuda do mestre Cardoso, aprenderam a reproduzir objetos arqueológicos, tornando o Polo de Cerâmica do Paracuri uma referência nacional. Para a história da cerâmica, Mestre Cardoso e Cabeludo desempenharam um papel fundamental no surgimento da arte marajoara contemporânea na década de 70. A fascinação de Cardoso pela arte marajoara iniciou durante uma visita ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém. O museu abriga uma coleção notável de cerâmica arqueológica, destacando-se a marajoara.

Após mudar-se para Icoaraci, Cardoso visitou o Museu Goeldi e levou a dedicar-se ao estudo das técnicas de produção indígena, obtendo permissão para copiar peças e comercializá-las. Sua iniciativa despertou o interesse local pelas cerâmicas amazônicas, especialmente a marajoara e a tapajônica. Antes dos anos 70, a produção em Icoaraci limitava-se a telhas, tijolos e potes. Mestre Cardoso transformou o cenário, introduzindo o estilo indígena, ganhando reconhecimento e impulsionando uma fase de grande produção de réplicas nos anos 70.

Logo, ao longo dos anos, Rosemiro e seus colegas difundiram a cerâmica marajoara, influenciando cerca de 40 ceramistas formados na comunidade. Atualmente, aproximadamente 80 famílias trabalham incessantemente, produzindo uma variedade de peças solicitadas em todo o Brasil e no exterior.

Paracuri retém história que nasceu do núcleo familiar e se mantém através das décadas, é assim que encontramos a Família Santana, onde a tradição da cerâmica começou

nos anos 50 quando a matriarca, Vó Fernanda, mudou-se para o distrito e começou a trabalhar como brunideira na Olaria do “seu Zé Espanhol”. A olaria, ativa desde 1903, é a mais antiga do bairro de Paracuri.

Maynara Santana, neta de Avó Fernanda, lidera o negócio familiar, a Cerâmica Família Santana. Seu pai, Guilherme, aprendeu o ofício ao acompanhar a mãe no trabalho. A tradição foi transmitida para outras gerações, envolvendo quatro membros da família: Marly e Guilherme Santana, Maynara e seu marido, Sebastian. Cada um desempenha um papel específico, desde o desenvolvimento do conceito até a comunicação da empresa. Essa família é exemplo em como a cerâmica foi se modificando, surgindo nas novas formas de produzir peças e artigos oriundo do barro, essa família reconfigura a relação a argila na era digital. Atentos às transformações, priorizam forçar no futuro e em soluções ecológicas e sustentáveis. Fazem diversas conexões com a comunidade, participam de projetos que incentivam a economia criativa e circular em Icoaraci. São grandes parceiros dos circuitos interativos produzidos pelo Ecomuseu e a Escola Liceu Mestre Raimundo Cardoso, Instituições que fortalecem e colaboram para preservar a memória e a cultura ceramista no bairro.

Assim, essa comunidade tem características únicas, que oriundas da socialização e passagem desse conhecimento específico, o antropólogo Laraia (1999, p. 46), desenvolveu um estudo cujo tema gira em torno da ideia de que o homem é produto do meio cultural em que ele foi socializado. Onde explicita que ele é um herdeiro de um longo processo cumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções. Estas não são, pois, o produto de uma ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. Lévi-Strauss (1978, apud LARAIA, 1999, p. 46), a cultura não é vista como algo metódico, mas algo inerente ao homem devido às épocas passadas e a sua situação social, antes de isolamento, mas com tempo e adaptações passou a criar a sua própria cultura. É o que acontece no bairro, onde tem suas próprias convenções sociais, frutos pelo modo de fazer e manipulação do barro. Perpetuando uma cultura e identidade, ligada pela história e tradição artesanal.

O ser humano cria regras sociais e convenções para viver em sociedade, para ele isso é uma das principais características da cultura. Portanto, existe um valor empírico passado por gerações, que constroem valores de identificações de uma comunidade. Para Néstor Garcia Canclini (2000) a cultura do “saber fazer” e das tradições de uma sociedade tem a

função de identificá-la, são heranças de outra geração, e precisam ser alvo de questionamento e estudo.

É válido colocar em pauta que “a construção de uma identidade passa, inapelavelmente, pelo terreno das imagens, galeria de retratos e marcas através das quais aparecemos na cena social” (FRANÇA, 2002, p. 7). Nesse caso, a construção identitária passa pelo processo de produção de sentido, de criação imagética, como construto do imaginário desencadeado pelos simbolismos (imagens) circulantes nas práticas cotidianas que vão compondo o conjunto identitário de determinado grupo humano (CARVALHO, 2008).

1.2.2. TRANSMISSÃO DO SABER ANCESTRAL

No coração do bairro Paracuri, encontramos a Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”, que a tradição da cerâmica de Icoaraci com educação patrimonial, com um currículo diferenciado, a instituição incentiva e transmite esse conhecimento ancestral para a nova juventude.

Destaca-se como referência na promoção ceramista na rede municipal de educação de Belém. Desde sua fundação em 1996, a escola implementa a disciplina Educação Patrimonial, visando a preservação e valorização do patrimônio cultural. O professor Igor Cruz tem em vista envolver os alunos por meio de “aulas, passeios” e expedições, promovendo uma experiência física. A Educação Patrimonial no Liceu inclui oficinas e projetos, a iniciativa visa conectar os alunos ao patrimônio cultural, especialmente à tradição ceramista de Icoaraci, um importante polo de produção de cerâmica desde o século XX.

Nesse contexto, nascem iniciativas como o primeiro Ecomuseu de Belém, lançado pela Prefeitura de Belém, através do Núcleo de Arte, Cultura e Educação (Nace) da Secretaria Municipal de Educação (Semec). Onde o roteiro inicial é de preservar memórias através da Olaria do Espanhol, em Icoaraci. O projeto tem o propósito de promover a educação integral e integrada com estudantes da rede municipal, através da cultura e desenvolvimento da comunidade. O ecomuseu é um acervo natural e cultural, onde tem produções materiais e imateriais, considerando o desenvolvimento da comunidade, do patrimônio e do território.

Em parceria com o Liceu realizam circuitos interativos pelas olarias, que atualmente é aberto ao público. Esse roteiro é uma forma de repassar uma parte da história adiante, uma imersão cultural, compartilhando ensinamentos e perspectivas.

Fundada em 1903 por João Espanhol, a olaria do espanhol contribuiu para formar a mão de obra do Polo Ceramista do Paracuri, tornando-se referência na região. Com a iniciativa do Ecomuseu, a olaria proporciona uma experiência pedagógica, permitindo aos visitantes explorar a linha do tempo das três gerações da olaria, conhecer a antiga rota fluvial de escoamento da produção cerâmica e aprender a arte da cerâmica utilitária. Ciro Croelhas, da terceira geração da olaria, destaca a história de seu avô, que trouxe tecnologia da Espanha, e enfatiza a importância de preservar a história da olaria, que completa 120 anos no mesmo endereço, desempenhando um papel fundamental na construção da história do bairro.

1.2.3 CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS

Foi pontuada a questão da inviabilização dos conhecimentos que não estão alinhados a uma epistemologia dominante, no qual as histórias e saberes que caminham de forma diferente são consideradas irrelevantes e subvalorizadas. Quijano desenvolveu a teoria da colonialidade do poder para tanto compreender quanto desafiar o padrão global de poder inerente à colonialidade/modernidade. Essa teoria serve como base para sustentar a proposta da epistemologia decolonial.

Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia Europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento. (Quijano, 2005, p. 121)

A cerâmica do Paracuri é um produto decolonial. Onde o futuro é um território temporal aberto, a história pode ser percebida já não só como algo que ocorre, mas como algo que pode ser produzido pela ação das pessoas, por seus cálculos, suas intenções, suas decisões, portanto como algo que pode ser projetado e, conseqüentemente, ter sentido (Quijano, 1988b).

É nesse cenário que encontramos o projeto Replicando o passado, a qual é colaboração significativa entre o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso e os ceramistas de Icoaraci. Um projeto que visa promover a troca de experiências relacionadas aos acervos arqueológicos. A iniciativa visa criar um ambiente propício para a partilha de conhecimento entre as instituições educacionais e os artistas locais, enriquecendo a compreensão e a preservação do patrimônio arqueológico da região.

O projeto faz o cruzamento do conhecimento científico com o popular, como resultado dessas experiências fortalecem os laços entre a comunidade artística e instituições educacionais, mas também contribui para uma compreensão mais profunda e contextualizada dos acervos, enriquecendo o cenário cultural de Icoaraci.

Conectando com projeto e a olaria, encontra-se o mestre Marivaldo, que é ceramista da terceira geração de sua família. Seus avós começaram a trabalhar com a técnica em 1971. Sua mãe era e ainda é desenhista e seu pai deixou de ser cozinheiro de barco para trabalhar com a família quando percebeu que a atividade dava dinheiro.

Marivaldo começou a fazer cerâmica brincando, como era costume dos núcleos ceramistas. Ele estudava meio período e no outro trabalhava na olaria, com apenas 12 anos já fazia acabamentos e sabia desenhar os grafismos, aos 14 já tinha aprendido a usar o torno e com 15 já dominava todas as etapas da técnica. Marivaldo é um exemplo clássico da iniciação desde a infância nas olarias

No final da década de 1990 teve contato com a cerâmica arqueológica. Suas primeiras peças deste segmento foram feitas com base em conhecimentos adquiridos em livros e a partir da observação de peças de Mestre Cardoso. Em 2016, foi convidado, junto a outros quatro artesãos, a fazer parte do projeto “Replicando o passado” do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Ao contrário da cerâmica Paracuri, que adota uma abordagem seriada utilizando torno e tintas sintéticas, Marivaldo segue as técnicas ancestrais na confecção de suas peças arqueológicas. Os vasos, por exemplo, são moldados por acordelado, dispensando o uso do torno. Nessa técnica, rolos de argila são sobrepostos em anéis ou espirais, posteriormente alisados e adornados com elementos como figuras animais. Adicionalmente, as tintas utilizadas são sempre de origem natural.

1.3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia usada foi a da pesquisa exploratória, que nos permitiu construir as bases do trabalho desenvolvido. O estudo bibliográfico foi feito para fazer uma contextualização histórica, cultural e social. A curadoria de documentários, dissertações, teorias científicas, matérias e artigos, partiram do objetivo de compreender o cenário geral no qual o produto está inserido, reforçando a sua relevância na sociedade. Realizou-se ainda uma pesquisa documental, buscando dados em vídeos e reportagens de jornais impressos e digitais.

Levantamos estudos de autores como: Cristina Barreto (2016), pesquisadora do Museu Emílio Goeldi³ e coordenadora do projeto “Replicando o passado”. Cujo objetivo é divulgar o acervo do museu e, ao mesmo tempo, potencializar o artesanato cerâmico da comunidade oleira de Icoaraci; Telma Saraiva (2011), que tem uma pesquisa sobre Memória e imagem na construção da história dos artesãos ceramistas de Icoaraci/Belém/PA, em parceria com a FUNARTE; a pesquisa de pós-doutorado de Doracy Souza (2010), que desenvolveu trabalho determinante para nossa compreensão das dinâmicas nas olarias em Icoaraci; o livro *Cerâmica Marajoara: a comunicação do silêncio*, essencial para construção do nosso embasamento teórico, sendo uma curadoria de Lilian Bayma de Amorim (2010), jornalista da Assessoria de Comunicação do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), onde evidencia, através de elementos da Coleção Marajoara, a importância da divulgação da ciência como mediadora do conhecimento gerado pelos institutos de pesquisa e a sociedade. Sob perspectivas dos estudos decoloniais, seguindo a pesquisa de Suze Piza (2012), empreendemos discussões sobre a descolonização do conhecimento, e como ela se configura como um caminho para a criação de novas epistemologias.

O desenvolvimento dessa pesquisa orientou a abordagem e o direcionamento cinematográfico, uma vez que ter o embasamento teórico é vital para sustentar a produção. Empreendemos um mapeamento de autores que trabalham com sentidos de comunidade, identidade e produção cultural. Válido reforçar que, antes de qualquer produção, devemos saber o que já existe sobre o objeto, ao ser uma forma de comunicar e trabalhar um novo olhar sobre o assunto.

Após esta etapa inicial, iniciou-se o processo de pré-produção, para organizar o fluxo de trabalho, foi definido primeiramente os personagens e conectando com a mensagem que queríamos passar. Assim produzimos um Pré-roteiro, um cronograma de gravação, organizando locações e datas.

A produção audiovisual foi elaborada a partir dos núcleos ceramistas do bairro do Paracuri. Escolhemos quatro famílias, uma representante da instituição de ensino Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso, como uma pesquisadora do Projeto Replicando o Passado e dois participantes. Totalizando treze personagens, no entanto, na montagem tivemos que filtrar histórias e entregando um material com 9 personagens. As entrevistas e as imagens foram feitas com duas câmeras filmadoras em oito locações, em adição ao circuito da

³ Instituição [museológica](#) e científica pública e um parque zoológico brasileiro, fundado em 1911.

cerâmica, quando foi feito um passeio pelo bairro e pelas olarias. Logo, foi conforme a especificidade de cada entrevistado.

Existem diversos tipos de documentários, por exemplo, um estilo de documentário que todos já assistimos em programas de televisão é o sobre vida animal e seus ciclos durante o ano, nesse modo de documentar percebemos uma questão. O documentarista não participa ou interfere no que está sendo captado e por esse motivo chamamos esse método de observacional. Em outros casos existem os que há uma interação de quem está documentando, seja entrevistando ou sendo filmado relatando algum fato, ou acontecimento histórico, método muito utilizado por produções independentes onde é possível a produção com baixo orçamento e recursos humanos, (FERREIRA, 2022).

Para a produção descrita no presente trabalho a intenção seria uma participação velada por conta da intenção trazer uma imersão como se o artesão estivesse conversando com o espectador. Sem um mediador, para isso elaboramos perguntas onde o entrevistado pudesse desenvolver sua resposta como se estivesse contando sua história e não apenas respondendo uma pergunta direta. Para tal o melhor estilo/método de documentário que se encaixou no perfil que planejamos foi uma mistura de documentário poético com participativo, por termos uma interação com quem está sendo entrevistado, por mais que nenhum entrevistador esteja em cena o artesão está sendo direcionado por alguém da produção. Poético pelo fato de todos os elementos da obra terem sua função na narrativa criada, temos a realidade e a história daqueles artistas como matéria-prima e centro do documentário, porém, contados de forma poética explorando as expressões, as emoções e todo o lúdico do processo artístico dos artesãos.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Como estrutura básica do presente trabalho o dividimos em três partes, uma introdutória onde apresentamos o tema e discorremos sobre as motivações, questões e justificativas que nos levaram a realizar um documentário sobre a cultura ceramista do Paracuri. Principalmente, sobre a transmissão dos valores relacionados ao ofício que se tornou uma tradição entre várias famílias daquele bairro, bem como é onde apresentamos a metodologia que usamos como base para a realização do documentário. Na segunda parte descrevemos como foi a realização da parte audiovisual, detalhamos o processo desde a

pré-produção relatando sobre criação do roteiro, contato com os entrevistados, cronograma, definição da equipe técnica, locações e equipamentos.

Discorreremos sobre a produção explicando sobre como foi realizar a direção do documentário, os desafios e êxitos que tivemos na produção. Bem como na direção de fotografia, que foi onde mais nos empenhamos para que os espectadores se sintam como no momento da gravação, acolhidos no local de criação de cada artesão entrevistado. Finalizando temos nossas considerações sobre todo o trabalho, desde a concepção da ideia ao início do planejamento, os desafios de remarcação de datas, locomoção e outros aspectos relacionados à produção do trabalho e do documentário. Tal como o conteúdo final que alcançamos e sobre sua importância social, pessoal, acadêmica e profissional que atingimos com este documentário.

2. RELATÓRIO TÉCNICO DO PRODUTO

2.1 PRÉ-PRODUÇÃO

2.1.1 Desenvolvimento do produto audiovisual

Como foi pontuado ao decorrer do trabalho, o autor Bill Nichols (2005) e sua obra *Introdução ao Documentário* foi essencial para a construção desse trabalho. A construção de narrativas constrói, sob a forma de discurso, recortes do mundo que oferecem histórias e descrições para uma perspectiva diferenciada da vida, adicionando “uma nova dimensão à memória popular e à história social” (2008, p. 27). Dessa forma, é no momento da narração que a personagem ou ator social se constrói em relação ao seu passado, na própria ação de narrar e na postura diante da câmera e do cineasta.

Reforçando que o documentário torna “visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, conforme a seleção e a organização realizadas pelo cineasta” (NICHOLS, 2008: 26). Portanto, a transmissão da sensação de autenticidade, utiliza os elementos característicos dos documentários de representação social, baseados na não-ficção, onde adotamos a abordagem sugerida por ele, destacando o conceito de “voz” por meio de narrativas, imagens, declarações e interações dialógicas presentes no documentário. Esses

elementos são conectados ao contexto, em que o produto está inserido, em que reflete a essência da realidade e da experiência vivida pelos participantes.

Seguindo os pontos anteriores, para entender o desdobramento que a cerâmica do Paracuri desencadeia, o documentário foi produzido em 3 vertentes que se conectam e reforçam a mensagem principal. No primeiro momento mostramos a parte histórica, onde se compreende o saber ancestral, identificar as influências amazônicas, analisando traços e símbolos produzidos nas olarias de Icoaraci, apresentamos o bairro e as técnicas. No segundo momento focamos em relatar a tradição familiar, o choque geracional, as novas formas versus as antigas. Comunicar a passagem de conhecimento e como a cultura se mantém viva. Por a cerâmica ser presente nos núcleos familiares, na parte final mostramos as interferências na economia e turismo, e quais seus impactos na produção artesanal.

2.1.2 Listagem de personagens

Para construir o nosso roteiro e pauta, mapeamos os entrevistados a partir de pesquisas em matérias veiculadas pela imprensa, assim como em artigos e reportagens. O Instagram foi uma ferramenta importante para acompanhar esses personagens. A partir do circuito da cerâmica, pelo Chibé Literário, onde foi realizado um roteiro pelas olarias, conseguimos estreitar os laços e já pré-conversar pessoalmente com eles, então pegamos os contatos.

Tabela 1 - Planejamento entrevistados

NOME	DESCRIÇÃO	CONTATO	ENDEREÇO
1. Marivaldo	Artesão ceramista, é a conexão com o projeto “Replicando o passado” do acervo arqueológico do Museu Goeldi. Tem o objetivo de divulgar o acervo do museu e ao mesmo tempo potencializar o artesanato cerâmico da comunidade oleira de Icoaraci , com inspiração nos estilos arqueológicos da Amazônia.	(91) 983615277	Olaria: Passagem Nossa Sra. do Livramento, 226 - Paracuri, Belém - PA, 66814-280
2. Helena Pinto/ Projeto Replicando o Passado	Arqueóloga, curadora da Reserva Técnica Arqueológica do Museu Goeldi. Coordenadora do projeto “Replicando o passado” do acervo arqueológico do Museu Goeldi	(91) 982914311	GHX4+98 - Av. Perimetral, 1901 - Terra Firme, Belém - PA, 66077-830

<p>3. Rosemiro Pinheiro Pereira & sua Filha Rosi</p>	<p>O mestre tem 86 anos, trabalha dando forma à argila desde 1947, e faz questão de explicar que a cerâmica marajoara é milenar, que os oleiros e artistas de hoje seguem os passos deixados por outras civilizações. Foi amigo do Cabeludo, que foi responsável pela introdução do modelo cerâmica do paracuri em Icoaraci.</p>	<p>(91)981994783</p>	<p>Trav. Soledade n 700 Icoaraci-PA, Belém</p>
<p>4. Escola Liceu de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso</p>	<p>O nome da escola é uma homenagem ao Mestre Raimundo Saraiva Cardoso, nascido em Vigia (PA) no dia 29 de julho de 1930 e falecido em Belém (PA) em 2007, herdeiro das técnicas da arte ceramista de sua mãe, descendente direta dos Aruã, último povo marajoara. Referência em educação e valorização da cultura da cerâmica indígena da Amazônia</p>	<p>Coordenador de extensão Igor (91) 988499018</p>	<p>Tv. dos Andradas, 886 - Ponta Grossa, Belém - PA</p>
<p>5. Família santana: Guilherme Marly Maynara Sebastian</p>	<p>A tradição começou em 1940 com Fernanda Sant'ana, que deixou de ser lavadeira para trabalhar em uma olaria. Legado segue na Cerâmica Família Sant'ana. Mestre Guilherme é um desses que tem buscado ressignificar a arte para o século XXI. Com 58 anos, o mestre começou a trabalhar em 1975 com apenas 12 anos, com o mestre Cabeludo. Os tempos e o mundo eram outros. Ele tenta repassar os ensinamentos para produzir uma bonita peça no círculo familiar e cursos que ministra, o mestre Guilherme já deu aulas sobre cerâmica para centenas de pessoas. Atualmente, atualiza o estilo com a filha Maynara Santana e o genro Sebastian Sant'ana, que largou outra arte - a tatuagem - para se dedicar à pintura das peças. A esposa Marly Santana é mestre em acabamento. Cada ente familiar tem uma função dentro da pequena Cerâmica Família Sant'ana.</p>	<p>(91)993503665</p>	<p>Tv. da Soledade, 686 - Paracuri, Belém - PA</p>
<p>6. Ecomuseu e olaria do espanhol</p>	<p>"A proposta é constituir um acervo natural e cultural da região com as produções materiais e imateriais de uma comunidade na perspectiva de território, patrimônio e desenvolvimento". Primeira olaria com espaço pedagógico</p>	<p>Ciro Croelha (91980531061) Ecomuseu João Turismólogo (980760661)</p>	<p>R. Santa Isabel, 2010 - Ponta Grossa, Belém - PA</p>

	A Olaria do Espanhol foi fundada em 1903 pelo mestre João Espanhol. Ela ajudou a formar a mão de obra do Paracuri, atual polo da cerâmica no Pará. Com a proposta do Ecomuseu, a olaria colocou em prática uma ideia antiga de ter um espaço pedagógico em que o visitante pode acompanhar a linha do tempo das três gerações da olaria, o mapa da antiga rota fluvial de escoamento da produção cerâmica na região e o quadro de memórias da cerâmica dos utilitários, primeira produção das olarias, além de aprender a fazer a cerâmica.		
7. Circuito da Cerâmica	Projeto audiovisual do Jornalista Jordan Navegantes, com a série sobre o “Circuito da Cerâmica”, mostra as relações do artesanato cerâmico de Icoaraci com a diversidade, a inclusão e o respeito. A série foi selecionada como finalista do Prêmio Simineral de Comunicação na categoria de conteúdos para redes sociais.	Jordan Navegantes (91)91 98116847	Recanto verde Alameda c, n:6

Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Válido pontuar que no processo conseguimos adicionar mais personagens e falas que contribuíram para o documentário, isso aconteceu de forma espontânea. Pois dependeu do nosso olhar cinematográfico e do envolvimento sensível com o objeto de estudo.

2.1.3 Roteiro

O desenvolvimento e o resultado de um documentário depende da individualidade do diretor, da estrutura proposta e das condições para a produção.

A estrutura observativa também se faz pertinente no roteiro, na linguagem e na voz do documentário. Pelas referências de outros produtos audiovisuais pesquisados foi possível construir uma imagem prévia de como desejávamos que produto final ficasse, e como queríamos que a entrevista fosse formulada. A participação dos artesãos foi fundamental para definir a linguagem e o tom das cenas. Nicholls (2005, p. 137) fala sobre a importância da forma como as personagens se comunicam, a sua presença, expressividade e intensidade emocional, que podem ditar direcionamentos e colaborar para o registro.

Tabela 2 - Roteiro

Título: Projeto Experimental Documentário “Paracuri: Mãos que criam” Tempo: 20’ Direção-Geral: Yasmin Mesquita e Karolayne Torres Direção Fotográfica: Karolayne Torres Produção: Yasmin Mesquita Tratamento: 5 (Final)	
VÍDEO	ÁUDIO
<p>Aparece Texto introduzindo a Cerâmica do Paracuri</p> <p>FADE-IN</p> <p>Intercalado com imagens da olaria, o mestre modelando o barro, contextualizado a cultura no bairro com textos e imagens</p> <p>Apresenta o Lettering do doc com imagens de drone de Icoaraci</p> <p>Imagens da oficina com as crianças, sorrisos, interações.</p> <p>Apresenta a Escola Liceu, através de imagens e textos</p> <p>FADE-OUT</p> <p>Imagens de drone, com texto sobre convergências de estilos que tem na comunidade</p> <p>CAMERA 1 ON</p> <p>CORTE SECO</p> <p>SEQUÊNCIA DE PLANOS</p> <p>Imagens das olarias, fluxo, pessoas trabalhando, barros, pintura, queimação, grafismo, imagens do bairro</p> <p>CORTE SECO C MERA 1 ON</p> <p>CORTE SECO C MERA 1 ON</p> <p>CORTE SECO C MERA 1 ON</p> <p>CORTE SECO</p>	<p>TRILHA AMBIENTE</p> <p>Iris da Selva</p> <p>TRILHA SONORA MUDA</p> <p>Trio Manari - Carimbó</p> <p>ROSIMARA PEREIRA: Boa tarde! Meu nome é Mara, sou oficina da Escola de Arte e Ofício. Sou professora de argila aqui, de sensibilização na argila e a gente vai ter uma aula hoje.</p> <p>ROSIMARA PEREIRA: Aqui todo mundo se conhece. Cada fundo de uma casa existe uma olaria, então ela geralmente ela tem dois, três pessoas, vizinhos, amigos, familiares, isso se torna uma grande família.</p> <p>MAYNARA SANTANNA: Mas Icoaraci ela é esse caldeirão intercultural, que as pessoas são extremamente criativas, é um bairro extremamente cultural. Aqui no Paracuri tu vê a cerâmica, mas ali na Cohab tu vê o pássaro junino, ali mais pra frente tu vê o carimbó. Então são pessoas que ainda têm um fluxo de trabalho que é muito atarrado.</p> <p>ROSIMARA PEREIRA: Então acho que isso é o diferencial, aquele calor humano, aquela coisa gostosa de se trabalhar, aquela terapia de todo dia. Então acho que isso é o nosso diferencial.</p> <p>MARIVALDO: E a cerâmica na minha vida ela é tudo.</p> <p>GUILHERME SANTANNA: É onde eu me realizo mesmo.</p> <p>MARIVALDO: Faz parte da minha vida desde quando nasci mesmo.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: Primeiro que tudo nós entregamos o amor do nosso trabalho.</p> <p>GUILHERME SANTANNA: E isso aí eu acho que não há motivação maior do que essa pra gente.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: O nosso desejo de produzir, né?</p>

<p>C MERA 1 ON CORTE SECO C MERA 1 ON</p> <p>CORTE SECO C MERA 1 ON</p> <p>FADE OUT</p> <p>Texto e imagens apresentando o conteúdo histórico: Mestre Cabeludo e Cardoso</p> <p>CÂMERA 1 ON Marivaldo confeccionando uma peça</p> <p>CÂMERA 1 ON Mostras peças da olaria do espanhol</p> <p>SEQUÊNCIAS DE PLANOS Imagens antigas dos mestres, usa doc “A VITÓRIA DO SONHO”</p> <p>CÂMERA 1 ON Guilherme mostra as peças</p> <p>SEQUÊNCIAS DE PLANOS Olaria do espanhol, colocar peças utilitárias, peças decoradas, peças arqueológicas, mostrar grafismo e textura das peças.</p> <p>SEQUÊNCIAS DE PLANOS</p> <p>Introduz peças variadas, museu emílio Goeldi as peças</p> <p>CÂMERA 1 ON</p> <p>CÂMERA 1 ON</p>	<p>ROSIMARA PEREIRA: Amo o que eu faço. Digo assim que é minha terapia.</p> <p>GUILHERME SANTANNA: Dia domingo eu não entro na lareira. Porque senão eu vou ficar lá.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: Porque a olaria aqui em Icoaraci, ela começou em 1702, tem registro disso. Ela começou lá na frente, nas primeiras ruas. Algumas dessas famílias ainda trabalham até hoje.</p> <p>MARIVALDO: Lá atrás começou com meus avós, passou pelos meus pais. Começamos na cerâmica, como era comum na época, por volta da década de 80, 81, brincando mesmo nas cerâmicas, fazendo os brinquedos de argila.</p> <p>GUILHERME SANTANNA: A cerâmica aqui em Icoaraci, ela não começou com essa cerâmica que a gente conhece hoje. A cerâmica quando começou aqui eram peças utilitárias.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: E nessa época, duas pessoas aqui que a gente considera como os divisores de água da cerâmica daqui, que é o mestre Cabeludo e o mestre Cardoso. Eles são pessoas que entraram na cerâmica, entraram assim, o mestre Cabeludo entrou, eu acredito, por volta de 1970 e o Cardoso entrou bem depois, 75, por aí assim, né? Quer dizer, eu já vinha de muito mais tempo, né? Eu já vinha de 1945, eles entraram depois.</p> <p>GUILHERME SANTANNA: As principais peças, normalmente nem eram brancos assim como eu, mas era peça natural e eles aplicavam desenhos como esse aqui. Essa mesma pegada, branco, vermelho e preto.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: O Cabeludo entrou através da família da esposa dele, que é a família Croelhas, que tem uma olaria ali chamada Olaria do Espanhol, que tem 112 anos de fundação e trabalha até hoje.</p> <p>E o Cardoso começou a seguir os passos do Cabeludo. Ele, o Cabeludo, renasceu uma arte morta. Quer dizer, só existia nos museus. Nos museus do Marajó e no Emílio Goeldi, que só existiam nos livros. E ele então recomeçou o trabalho pelos livros</p> <p>HELENA PINTO: Eles vêm se inspirando nas cerâmicas arqueológicas, marajoaras, tapajônicas, até arte rupestre, incorporando isso numa cerâmica muito única, que é a cerâmica que a gente chama de estilo paracuri, ou a cerâmica do paracuri.</p> <p>GUILHERME SANTANNA: Elementos da cultura tapajônica, daí fazem o desenho marajoara e aí começam a misturar. Vai misturando, vai misturando e o resultado dessa</p>
--	---

<p>SEQUÊNCIAS DE PLANOS Imagens da cerâmica Paracuri, juntar estilos de cada artesão</p> <p>SEQUÊNCIAS DE PLANOS Imagens das etapas dos processos, cada dia de gravação tem uma etapa</p> <p>TRADIÇÃO E COMUNIDADE LETTERING</p> <p>SEQUÊNCIAS DE PLANOS Cobrir com imagem de olaria dos artesãos entrevistados</p> <p>CÂMERA 01 ON</p> <p>CORTE SECO</p>	<p>mistura, dessa alquimia, é a cerâmica tradicional de Icoaraci.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: Então juntamos tudo e estamos trabalhando hoje numa cerâmica decorativa. Como falei, né? Decorativa, é utilitária, é cerâmica também de cúnios religiosos, né? Então é nisso que trabalhamos.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: Seguinte, a primeira etapa é feita lá no mato, lá na jazida, onde é extraída a matéria-prima. Então, esse trabalho, nossa atividade, ela começa aqui na banca. Agora, a partir daqui, as etapas são assim.</p> <p>Limpeza da matéria-prima, preparação, depois a produção da peça, depois o repouso da peça, depois do repouso os desenhos feitos, vocês vão ver ali o que ele está fazendo, depois do desenho a secagem.</p> <p>Depois da secagem a brunição, que é o polimento das peças, depois a enforção, depois a queimação, depois a retirada do material de dentro do forno já reproduzido, queimado.</p> <p>Depois a pintura e finalmente a embalagem das peças, que vai pra loja pra ser exposta à venda e depois de vendida a embalagem e a remessa final, que é entrega pro freguês.</p> <p>CIRO CROELHAS: A ponto de, na década de 80, começo da década de 90, ter aproximadamente umas 200 olarias de fundo de quintal trabalhando, entre uma grandes e pequenas, próximo disso. Depois disso, começou agora a diminuir.</p> <p>ROSEMIRO PEREIRA: Era uma tradição familiar. Então a Cerâmica, ela abriu um braço assim e abraçou a comunidade. Quem? Aqueles que queriam, que se interessaram.</p> <p>MARIVALDO: Porque começou a não ter sucessores.</p> <p>CIRO CROELHAS: Então, começou a decair esse número, hoje estamos em torno de umas 60, 70 olarias.</p> <p>MAYNARA SANTANNA: Sim, a gente está falando de 150 anos de existência. Tirando por baixo, são pelo menos duas gerações que viveram e construíram essa história de várias famílias e tals.</p> <p>MARIVALDO: Nenhuma geração, depois da nossa, está seguindo. Então, tudo indica que o que leva aos poucos, diminuindo, diminuindo, não sei se vai acabar.</p>
---	--

<p>LETTERING O SABER CERAMISTA</p> <p>SEQUÊNCIAS DE PLANOS Mestre produzindo Guilherme na oficina Marivaldo produzindo no replicando Ciro Modelando Rosemiro trabalhando</p> <p>CÂMERA 2 ON</p> <p>SEQUÊNCIA DE PLANOS Sebastião Trabalhando Vendendo Criando</p> <p>CÂMERA 1 ON</p> <p>CÂMERA 1 ON</p> <p>SEQUÊNCIA DE PLANOS May atuando, participando das oficinas sorrisos Rosi na oficina com as crianças</p> <p>CÂMERA 1 ON</p> <p>CÂMERA 2 ON</p>	<p>GUILHERME SANTANNA: O mestre ceramista mesmo, o meu conceito é que ele possa fazer com desenvoltura todas as etapas de produção. Ele deve ter um profundo conhecimento daquilo que ele faz, teórico e prático, sabe? E que ele tenha também a metodologia para poder passar isso para as pessoas.</p> <p>O conhecimento quando você guarda para você, ele vai junto com você lá no caixão, você não vai servir pra nada.</p> <p>HEITOR SEBASTIAN: Foi muito louco porque conheci o seu Guilherme trabalhando lá na olaria, lá atrás, sozinho, saca? E a cerâmica, assim, ela tá sendo, assim, todo o meu pensamento, saca? Todo o meu desejo é em relação a ela. Tipo, eu fui uma pessoa que eu não vim do berço da cerâmica, né? Então, tipo, pra mim, esse encontro com a cerâmica foi mais uma paixão.</p> <p>ROSIMARA PEREIRA: Na verdade, veio dos meus avós. Meus avós, veio pro meu pai e hoje tá aí e já tá da minha filha.</p> <p>MAYNARA SANTANNA: Eu cresci dentro de um contexto de desvalorização, então quando me trouxeram de volta pra cá, eu comecei a entender qual era a minha história com a cerâmica, como é que eu poderia me conectar com ela.</p> <p>ROSIMARA PEREIRA: Vocês chegaram até onde vocês estão hoje através da cerâmica, Então, não esqueça o legado que a gente tem, que ele um dia, quando eu não estiver mais aqui, que vocês deem continuidade para ele, porque é uma coisa muito bonita, uma coisa que foi conquistada.</p> <p>MAYNARA SANTANNA: eu comecei a sentir mesmo no coração todas essas coisas, então, de que maneira eu poderia trabalhar a minha habilidade com as coisas que sei fazer cruzando com a cerâmica.</p> <p>HEITOR SEBASTIAN: É uma parada que muita gente que é do berço da cerâmica também, ainda não tem mais esse contato com a cerâmica. Inclusive, aqui a gente trabalha com pessoas que a gente abriu para trabalhar com a comunidade também. A gente trabalha com pessoas que são filhos de ceramistas e nunca tiveram contato com a cerâmica. Então isso é uma parada muito importante para trazer esse resgate e principalmente para pessoas que nunca tiveram contato com a cerâmica, que é o que a gente faz nas oficinas de cerâmica lá em cima.</p>
--	--

<p>PLANO SEQUÊNCIA Escola Liceu e Oficinas</p>	<p>IGOR CRUZ: O Liceu desde 1996 nasce com o projeto de ser uma escola de referência da rede. Ainda hoje traz como diferencial as salas de aula tradicionais e as oficinas de arte dentro da escola.</p>
<p>CÂMERA 1 ON</p>	<p>A gente tem as oficinas de cerâmica que tem um trabalho voltado basicamente para a sensibilização em relação à cultura da cerâmica. Então, a escola nasce desse processo em que é preciso valorizar, ao mesmo tempo que você dá a educação formal para os filhos dos artesãos, você também ensina, facilita para que várias pessoas que gostam dessa cultura ou pessoas que não gostam, não conhecem a cultura, tenham acesso e a partir daí sensibilizá-los para que essa cultura permaneça.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Escola Liceu e Oficinas</p>	<p>HEITOR SEBASTIAN: É sobre você olhar para o passado, resignificá-lo para fazer um novo futuro.</p>
<p>CÂMERA 1 ON</p>	<p>ROSIMARA PEREIRA: É através de nossos filhos, de nossos netos, bisnetos, tataranetos, não deixando que isso morra, mas sim passando para eles.</p>
<p>CÂMERA 1 ON</p>	<p>IGOR CRUZ: Porque assim, a gente como professor, como adulto, estudante, a gente vê na hora que a importância de um projeto desse tipo, o desenvolvimento de uma atividade desse tipo, chama logo a nossa atenção. Mas ir para uma criança, para um garoto, uma garota de 11, 12 anos. Por isso que eu falo, uso essa palavra para sensibilizá-los para se sentirem parte desse processo, dessa cultura e aí só aí a gente pensa que a gente vai conseguir atingir a preservação. Preservar algo que eles não sentem parte ou algo que eles nem minimamente não conhecem.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Escola Liceu, Oficinas, sorrisos e interações</p>	<p>ROSIMARA PEREIRA: Mas é uma coisa que sempre prezo na minha casa. Vocês podem ter os seus sonhos, vocês podem voar para onde vocês quiserem, mas lembre-se bem que o porto seguro da gente é a cerâmica.</p>
<p>CÂMERA 1 ON</p>	<p>HELENA PINTO: É importante sempre dizer que as cerâmicas, elas são uma forma de resistência, elas são uma forma de trazer e valorizar um conhecimento ancestral, um conhecimento que vem da terra, conhecimento que vem do barro, da relação mais íntima e mais profunda com o território.</p>
<p>CÂMERA 1 ON</p>	<p>E esses objetos são materializados a partir de referências históricas, culturais, que é o nosso patrimônio cultural. Não é à toa que o bairro do Paracuri ou a cerâmica do Paracuri é um patrimônio cultural muito importante, é um patrimônio cultural enquanto expressa um saber fazer, um conhecimento que essa comunidade, que vem da vivência familiar em torno da cerâmica, traz.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Processos, criação, modelagem</p>	<p>MARIVALDO: Então assim é através de vários projetos que tem ainda, para oficinas, para tentar, desse a gente consegue novas mãos de obra.</p>
<p>CÂMERA 1 ON</p>	
<p>CÂMERA 2 ON</p>	

<p>PLANO SEQUÊNCIA imagens circuito, turismo</p>	<p>MARIVALDO: Se alguém chega aqui, se alguém vier aqui, é por causa do artesanato. Pena que não tem essa valorização nenhuma. Nós não temos nenhum plano, por exemplo, de turismo, nós não temos nenhum tipo de plano para cultura, assim, nenhum tipo de projeto feito, não existe.</p> <p>E o que é o polo industrial da cerâmica é o paracuri. Já está tendo algumas ações, por exemplo, através da Família Santana é feito já o circuito, que está sendo muito importante, vem muita gente através desse circuito e vamos ganhando seguidores, vamos ganhando divulgação.</p>
<p>IMAGENS FÁMILIA SANTANNA</p>	<p>HEITOR SEBASTIAN: A cerâmica Família Santana chegou até onde seria possível chegar com o recurso que nós temos, que é usado por todo ceramista daqui.</p> <p>MAYNARA SANTANNA: Existem alguns estudiosos, algumas pessoas que fazem esse trabalho mais acadêmico daqui do Paracuri e eles veem muito esse território como um museu a céu aberto por conta dessa importância, dessa relevância histórica que existe.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Projeto replicando passado, iteração da equipe</p>	<p>HELENA PINTO: Replicando o passado é um projeto que começa, inicia no final de 2016 atendendo uma demanda dos próprios ceramistas de Icoaraci. Eles vieram até o museu, nos procuraram, a curadoria do museu, pedindo acesso, apoio para a obra. Apoio para a produção de peças arqueológicas.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Imagens da cerâmica arqueológica</p>	<p>MAYNARA SANTANNA: Porque assim, a cerâmica arqueológica funciona como uma cápsula do tempo. Depois de tanto tempo, de milhares de anos, você pega uma cerâmica e consegue estudar um modo de vida, a forma de viver de uma sociedade.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Imagens da cerâmica arqueológica marivaldo produzindo peças</p>	<p>HELENA PINTO: Então a gente vê que do ponto de vista da socialização do conhecimento arqueológico, essas réplicas têm um papel muito importante. Mas igualmente importante é o resultado para os próprios ceramistas que fazem parte do projeto, que podem ter a sua produção melhor qualificada, melhor capacitada para que eles possam passar as informações. Quando eles vendem uma peça, eles não vendem um objeto, eles vendem uma história.</p>
<p>CÂMERA 01 ON</p> <p>PLANO SEQUÊNCIA Imagens interação cliente e conversas</p>	<p>MAYNARA SANTANNA: O conhecimento que eu tenho, que é o que o papai compartilha nas oficinas de cerâmica, que são as histórias que formam esse lugar, que a gente divide no momento do circuito, por exemplo, isso não tem valor. A gente pode cobrar o quanto a gente quiser, porque o que conecta a gente são as histórias, é esse sentimento de pertencimento.</p>
	<p>HELENA PINTO: É quando o conhecimento técnico, o conhecimento desses ceramistas, do processo de produção dessas peças, do estudo e do significado que elas carregam para os seus públicos, para o próprio Paracuri, para a</p>

<p>PLANO SEQUÊNCIA Imagens do ecomuseu, rua, pessoas</p>	<p>própria feira de artesanato lá de Icoaraci e também para as interlocuções que eles têm com os seus clientes públicos etc. Então a gente vê como esse conhecimento se multiplica e se amplia.</p> <p>MAYNARA SANTANNA: O circuito é uma iniciativa do Ecomuseu. Já fizeram esse trabalho em Cotijuba e agora eles vieram para cá para o Paracuri. Eles propuseram um circuito interativo do Ecomuseu, que é justamente um passeio com 150 anos em 4 horas.</p> <p>Então a gente leva a galera para passear em 4 olarias que conseguem fazer um panorama do que é a arte cerâmica produzida aqui no território.</p>
<p>CAMERA 1 ON</p>	<p>HEITOR SEBASTIAN: O futuro da cerâmica para mim é isso, sabe? Que é de você, de fato, olhar para ela e dizer, isso aqui pode ser uma parada que vai estar lá na frente, sabe? É você pensar possibilidades de futuro, você pensar possibilidades de tecnologias inovadoras a todo momento, é você solucionar problemas da sociedade atual.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Imagens do ecomuseu, rua, pessoas, interação familiar, com cliente</p>	<p>MAYNARA SANTANNA: Então, as oficinas e o circuito são coisas que a partir de 2024 pra frente a gente deve trabalhar bastante, assim, pra justamente começar a educar o nosso público com relação à importância e aí quem sabe encontrar, quem sabe não que a gente vai encontrar muitos profissionais que possam vir trabalhar junto com a gente também.</p>
<p>PLANO SEQUÊNCIA Imagens Drone, bairro, cidade</p>	<p>ROSEMIRO PEREIRA: Hoje nós temos aqui no bairro, nós temos um comércio forte nós temos ruas boas, todas asfaltadas e tudo isso nós temos farmácias, nós temos também vários pontos de venda de cerâmica, nós temos várias padarias que se instalaram aqui na área, então elas vieram tudo por quê? Tudo por causa exatamente do artesanato, né?</p> <p>O artesanato que chamou esse povo pra cá, porque senão isso aqui era um bairro esquecido, era apenas uma terra absoluta. Então, para mim, representa muita coisa, representa tudo na minha vida, na minha família e assim por diante.</p>
<p>CÂMERA 1 ON</p>	<p>Então, eu digo assim, quando todo mundo pensa que a cerâmica vai acabar, nascem outros e outros e outros tantos braços, e ela continua seguindo. Ela vai seguir por muitos e muitos anos. Enquanto tiver barro para trabalhar, nós estamos trabalhando.</p>
<p>FADE OUT CRÉDITOS APOIO FICHA TÉCNICA</p>	

2.1.4 Planejamento e organização das filmagens

Com essas informações coletadas pela pesquisa e a de campo conseguimos montar um cronograma de gravação. Tudo isso a partir da vivência no cotidiano dos entrevistados. O cronograma foi criado a partir das disponibilidades dos entrevistados, foi organizado para ser gravado em cinco externas, assim foi essencial alinhar com eles as locações, conforme a disponibilidade e horário.

As gravações se concentraram em Icoaraci, bairro do Paracuri, assim planejamos de forma estratégica, para ter um deslocamento mínimo entre as gravações. Em média foram 3 sonoras por dia e 10h de gravação. Portanto, ter mapeado os personagens de acordo com locações, ter um cronograma de gravação foi vital para a nossa produção, a pré foi essencial para construir o documentário. Pois além de realizar as entrevistas, foi necessário produzir imagens de cobertura, acompanhar oficinas, o trabalho desses artesãos, cada gravação era uma imersão cultural. Tivemos que atentar a eventos envolvendo a cerâmica em Icoaraci e alinhar com os empréstimos de equipamentos, com a logística entre Belém e Icoaraci. A produção teve recursos limitados, entre recursos humanos e materiais, então tivemos que nos ajustar a esse cenário. Logo, essa montagem do cronograma foi primordial para pensar em atraso e imprevistos, trabalhar de forma realística e que fosse possível ser executada.

2.1.5 Cronograma de filmagens

Após entrar em contato com os entrevistados, alinhar isso com os nossos interesses e objetivos, organizamos o nosso cronograma. Como já tínhamos entrado em contato previamente, não tivemos entraves. Para essas filmagens serem realizadas, existiu um diálogo entre faculdade, personagens e a nossa agenda. Uma vez que foi utilizado recursos materiais da universidade, mas também empréstimos externos.

Tabela 3 - Cronograma do Documentário

DATA	EVENTO	LOCAÇÃO	RECURSOS HUMANOS	RECURSOS MATERIAIS
05.09 Terça 8h	Circuito da Cerâmica (Imagens de apoio)	Escola Liceu Família Santana Doca Leite	02 operadora de câmera Karol Torres e Yasmin Mesquita	01 câmera 8d 01 câmera 6d 01 Lapela 02 Led 01 Microfone Externo

		Olaria do espanhol Marivaldo		03 Baterias 04 Pilhas 01 carregador de bateria
19.10 Quinta 9h - 11h30 Rosemiro 13h30 - 16h Escola Liceu Liceu	Entrevista Rosemiro Entrevista escola Liceu Entrevista Rosi	Olaria Rosemiro Escola Liceu	02 operadora de câmera 01 produtora 01 Assistente de produção Karol Torres Yasmin Mesquita, Aimee Figueiredo	01 câmera 8d 01 câmera 6d 01 Lapela 02 Led 01 Tripé 04 Baterias 01 carregador de bateria 04 Pilhas 04 Cartões
28.10 Sábado 9h-13h 15h-16h30	Oficina Família sant'ana	Loja família santana	02 operadora de câmera 01 produtora Karol Torres Yasmin Mesquita	01 câmera 8d 01 câmera S12 rebel 01 Lapela 02 Led 01 Tripé 03 Baterias 01 carregador de bateria 02 Cartões
30.10 Segunda 10h30 - 12h	Entrevista Replicando o passado	Campus de pesquisa Museu Emílio Goeldi	02 operadora de câmera 01 produtora Karol Torres Yasmin Mesquita	01 câmera S12 rebel 01 câmera 6d 01 Lapela 01 Luz 02 Led 01 Tripé 02 Baterias 01 carregador de bateria 03 Cartões
03.11 sexta 8h30-10h 10h30-11h15 11h30 -	Entrevista com Ciro Croelhas Feira do Paracuri Almoço	Olaria do espanhol Orla de icoaraci	02 operadora de câmera 01 produtora 01 Assistente de produção Karol Torres Yasmin Mesquita	01 câmera S12 rebel 01 T4 canon 01 Lapela 01 Luz 02 Led 01 Tripé 02 Baterias 01 carregador de bateria 03 Cartões

12h30	na orla		Van	
13h- 14h30	Entrevista com Marivaldo	Olaria Marivaldo		
15h30- 16h30	Entrevista com Jordan Navegantes	Casa Jordan Navegantes		

Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Após a organização da nossa produção, foi mais fácil visualizar o nosso produto audiovisual, e evitar problemas na gravação. Ter uma pré-produção é super importante para o resultado final.

2.1.5 Definição da equipe técnica

A nossa equipe foi composta por Yasmin Mesquita e Karol Torres, a organização técnica ficou conforme as afinidades de cada área. Yasmin ficou responsável pela produção, roteirização e planejamento do documentário. Karol responsabilizou-se pela direção fotográfica e as duas integrantes compartilharam a Direção-Geral. Além disso, para construir o documentário foi necessária ajuda externa, como a assistente de produção Aimee Figueiredo e Eldervan Nery. A edição do vídeo foi realizada pelo Vitor Souza. A edição de texto e corte do material foi realizada por Yasmin Mesquita. As demais tarefas, como a decupagem do material, a escolha de imagens foram conversadas, decididas e realizadas por Yasmin e Karol. Além disso, o material gráfico, como logo, identidade visual, a caixa de identificação dos entrevistados foi realizado por Yasmin Mesquita.

2.1.6 Definição das locações

As locações foram definidas a partir do ambiente de trabalho dos entrevistados, para trazer um olhar sensível para a produção ceramista dos artesãos e contribuir para uma visão mais intimista para o documentário. Como foi pontuado, as nossas gravações se concentram no bairro do Paracuri em Icoaraci. A nossa equipe buscou ficar atenta aos eventos e oficinas relacionados à cerâmica. O instagram proporcionou acompanhar as dinâmicas culturais em

Icoaraci, foi assim que no dia 05 de setembro, dia da Amazônia. Iniciamos nossa jornada de gravações.

A nossa primeira externa foi com o Circuito interativo e cultural, promovido pelo Chibé Literário e o movimento Amazônia de pé, com parceria do Ecomuseu. Dessa forma acompanhamos o roteiro, onde o ponto de partida foi a Escola Liceu, em seguida a olaria da família Santana, depois Doca leite, Olaria do Espanhol e finalmente a do Marivaldo. Nessa primeira diária foram produzidas imagens de apoio.

A segunda locação foi a olaria do Rosemiro, no dia 19 de outubro, onde acompanhamos sua produção, assim um ambiente confortável para o entrevistado, além de assim conseguimos produzir imagens de criação das peças e comunicar a dinâmica do ambiente de trabalho nas olarias. Entregar com mais profundidade a produção dos mestres Ceramistas.

Nesse dia também gravamos na escola Liceu de Artes e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso, essa foi a nossa terceira locação, escolhemos ela para gravar com Rosimara, filha de Rosemiro. Ela estava administrando uma oficina para os estudantes do ensino fundamental. Acompanhamos a sua rotina de aulas sobre a cerâmica, mostrando a questão do fazer com o letramento. Após essa entrevista conversamos com o Coordenador de extensão, Igor Cruz para falar do portfólio diferenciado que a escola entrega para os alunos, a educação Patrimonial. Aproveitamos a biblioteca da escola para realizar a entrevista.

A quarta locação foi na loja da família Santana, no dia 28 de outubro, acompanhamos um dia de oficina. Escolhemos esse ambiente para trazer uma sensação mais realística para os enquadramentos, mostrando a rotina dos entrevistados. Foram produzidas 04 entrevistas, Com o mestre Guilherme, sua esposa Marly, Sua filha Maynara e seu genro Sebastian. Todas realizadas na loja e na olaria da Família.

A quinta locação ocorreu no dia 30 de outubro, foi no Campus de pesquisa Emílio Goeldi, que abriga as coordenações de Pesquisa e Planejamento, laboratórios, das coleções científicas das áreas de botânica, zoologia, arqueologia, etnografia, linguística, paleontologia, minerais e rochas. Conhecemos o Projeto Replicando o passado, entrevistamos a pesquisadora e coordenadora do projeto Helena Pinto, Karol, bolsista do projeto e o Del, que é pesquisador e ceramista.

A sexta locação foi realizada no dia 03 de novembro, na olaria mais antiga de Icoaraci, a Olaria do Espanhol, que se tornou um ecomuseu. Conversamos com Ciro Croelhas, que

continua a tradição iniciada pelo seu avô e seu pai. Conseguimos acompanhar os processos de produção e a dinâmica de trabalho entre os demais artesãos.

A sétima locação, foi no mesmo dia, na olaria do Marivaldo, que é ceramista e participante do projeto Replicando o Passado. Mestre em cerâmica arqueológicas, a sua entrevista foi produzida no seu ambiente de trabalho onde passa a maior parte da rotina, acompanhamos o seu trabalho e de seus companheiros de jornada.

A oitava colocação finalizou o dia, ocorreu na casa do Jordan Navegantes, jornalista e produtor, conversamos sobre o seu projeto audiovisual Circuito da Cerâmica, que é sobre contar e documentar a história desses mestres. A escolha do lugar foi de acordo com disponibilidade dele, uma forma de fazer ele se sentir confortável para conversar com nossa equipe. Ele é morador de Icoaraci e contou um pouco dessa vivência e do despertar para repassar essas histórias nas redes sociais.

2.1.7 Cronograma de Planos

Tabela 4 - Cronograma de quadros

Produção: Yasmin Mesquita Direção Geral: Karolayne Torres e Yasmin Mesquita Direção de Fotografia: Karolayne Torres	Título: Paracuri: Mãos Que Criam	Data: 05/09/2023
--	---	-------------------------

Endereço da Produção
Bairro Paracuri - Distrito de Icoaraci - Belém - Pará

Locações	Endereço
Circuito da Cerâmica - Chibé Literário	Liceu Escola de Artes e Ofícios, Olarias Espanhol e Marivaldo - Icoaraci.

Dia/Turno	Plano	Descrição da Cena	Localização
Manhã/Tarde	Geral	Filmagem dos apresentadores falando durante o circuito	Liceu Escola de Artes e Ofícios

		mostrando também o público	
Tarde	Primeiro Plano	Filmagem de uma artesão demonstrando a fabricação de uma peça	Olaria Espanhol
Tarde	Plano Americano	Filmagem de uma artesão demonstrando a fabricação de uma peça e apresentadores explicando os acontecimentos, funções e contextos	Olarias e Liceu Escola de Artes e Ofícios

Produção: Yasmin Mesquita Direção Geral: Karolayne Torres e Yasmin Mesquita Direção de Fotografia: Karolayne Torres Assistente de Produção: Aimee Figueiredo	Título: Paracuri: Mãos Que Criam	Data: 19/10/2023
---	---	-------------------------

Endereço da Produção
Bairro Paracuri - Distrito de Icoaraci - Belém - Pará

Locações	Endereço
Rosemiro Artesanato	Travessa Soledade 700 entre as ruas: coronel JUVENCIO SARMENTO (quinta rua) e SANTA ISABEL(sexta rua)
Liceu Escola de Artes e Ofícios	Tv. dos Andradas, 886 - Ponta Grossa, Icoaraci

Dia/Turno	Plano	Descrição da Cena	Localização
Manhã/tarde	Geral	Utilizada em filmagens dos locais, tanto cenas internas quanto externas para mostrar o local e dar ambiência	Rosemiro Artesanatos e Liceu Escola de Artes e Ofícios
Manhã/tarde	Primeiro Plano	Utilizada para mostrar o artesão criando peças e sentado respondendo as perguntas em uma cena	Rosemiro Artesanatos e Liceu Escola de Artes e Ofícios

		de enquadramento planejado pela direção de fotografia.	
Manhã/tarde	Plano Americano	Utilizada também em filmagens dos locais e em que o artesão fica em destaque com a oficina/escola de fundo para criar ambiência na cena	Rosemiro Artesanatos e Liceu Escola de Artes e Ofícios
Manhã/tarde	Plano Detalhe	Filmagem do artesão fabricando peças bem como das aulas pegando detalhes para criação de <i>slow motions</i> e realçar os movimentos e destacar as peças e trabalho do artesão	Rosemiro Artesanatos e Liceu Escola de Artes e Ofícios

Produção: Yasmin Mesquita Direção Geral: Karolayne Torres e Yasmin Mesquita Direção de Fotografia: Karolayne Torres	Título: Paracuri: Mãos Que Criam	Data: 28/10/2023
---	---	-------------------------

Endereço da Produção
Bairro Paracuri - Distrito de Icoaraci - Belém - Pará

Locações	Endereço
Loja Família Santana	Travessa soledade,786, Icoaraci

Dia/Turno	Plano	Descrição da Cena	Localização
Manhã/tarde	Geral	Utilizada em filmagens dos locais, tanto cenas internas quanto externas para mostrar o local e dar ambiência	Loja e Oficina Família Santana
Manhã/tarde	Primeiro Plano	Utilizada para mostrar os artesãos criando peças tanto com enquadramento frontal como de nuca, também	Loja e Oficina Família Santana

		sentado respondendo as perguntas em uma cena de enquadramento planejado pela direção de fotografia.	
Manhã/tarde	Plano Americano	Utilizada também em filmagens dos locais e em que o artesão fica em destaque com a oficina/loja de fundo para criar ambiência na cena	Loja e Oficina Família Santana
Manhã/tarde	Plano Detalhe	Filmagem do artesão fabricando peças pegando detalhes para criação de <i>slow motions</i> e realçar os movimentos e destacar as peças e trabalho do artesão, na fabricação e loja	Loja e Oficina Família Santana

Produção: Yasmin Mesquita Direção Geral: Karolayne Torres e Yasmin Mesquita Direção de Fotografia: Karolayne Torres	Título: Paracuri: Mãos Que Criam	Data: 30/10/2023
---	---	-------------------------

Endereço da Produção
Museu Emílio Goeldi - Belém - Pará

Locações	Endereço
Campus de pesquisa Museu Emílio Goeldi	Av. Gov Magalhães Barata, 376 - São Braz, Belém - PA

Dia/Turno	Plano	Descrição da Cena	Localização
Manhã	Geral	Utilizada em filmagens dos locais, tanto cenas internas quanto externas para mostrar o local e dar ambiência	Campus de pesquisa Museu Emílio Goeldi
Manhã	Primeiro Plano	Utilizada para filmar os pesquisadores dando	Campus de pesquisa Museu Emílio Goeldi

		entrevista e para filmar as peças da coleção arqueológica em uma cena de enquadramento planejado pela direção de fotografia.	
Manhã	Plano Detalhe	Filmagem de detalhes das peças da coleção arqueológica para criação de <i>slow motions</i> e destacar os detalhes das peças	Campus de pesquisa Museu Emílio Goeldi

Produção: Yasmin Mesquita Direção Geral: Karolayne Torres e Yasmin Mesquita Direção de Fotografia: Karolayne Torres Assistente de Produção: Eldervan Nery	Título: Paracuri: Mãos Que Criam	Data: 03/11/2023
---	---	-------------------------

Endereço da Produção
Bairro Paracuri - Distrito de Icoaraci - Belém - Pará

Locações	Endereço
Olaria do Espanhol	R. Santa Isabel, 2010 - Ponta Grossa, Belém - PA
Marivaldo Arte Cerâmica	Passagem Nossa Sra. do Livramento, 226 - Paracuri, Belém - PA

Dia/Turno	Plano	Descrição da Cena	Localização
Manhã/tarde	Geral	Utilizada em filmagens dos locais, tanto cenas internas quanto externas para mostrar o local e dar ambiência Assim como nas cenas mostrando as ruas e o entorno das olarias	Olaria do Espanhol e Marivaldo Arte Cerâmica
Manhã/tarde	Primeiro Plano	Utilizada para mostrar os artesãos criando peças	Olaria do Espanhol e Marivaldo Arte Cerâmica

		tanto com enquadramento frontal como de nuca, também sentado respondendo as perguntas em uma cena de enquadramento planejado pela direção de fotografia.	
Manhã/tarde	Plano Americano	Utilizada também em filmagens dos locais e em que o artesão fica em destaque com a oficina/loja de fundo para criar ambiência na cena	Olaria do Espanhol e Marivaldo Arte Cerâmica
Manhã/tarde	Plano Detalhe	Filmagem do artesão fabricando peças pegando detalhes para criação de <i>slow motions</i> e realçar os movimentos e destacar as peças e trabalho do artesão, na fabricação e loja	Olaria do Espanhol e Marivaldo Arte Cerâmica

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

2.1.8 Quadro de referência

Figura 1-Referência de enquadramento entrevista



Fonte: Documentário Artesanato de Dendê para onde vai...(2020)

Optamos pelo Plano Americano para as entrevistas, buscando criar uma conexão mais humana com nossos personagens. Esse enquadramento estático permite que a pessoa entrevistada se destaque no cenário, promovendo uma imersão mais íntima. Queremos capturar não apenas as palavras ditas, mas também as expressões faciais e gestuais, proporcionando uma experiência autêntica e humana aos espectadores. Ao adotar essa abordagem, uma narrativa mais calorosa.

Figura 2 - Referência entrevista



Fonte: Documentário Artesanato de Dendê para onde vai...(2020)

O Primeiro Plano nas cenas estáticas, essa escolha visa permitir que ele se sobressaia em relação ao cenário, criando um ambiente propício para que suas narrativas pessoais tenham destaque.

Figura 3 - Referência de enquadramento entrevista



Fonte: Documentário Artesanato de Dendê para onde vai...(2020)

Plano Detalhe: Na entrevista, optamos por utilizar ângulos dinâmicos. Nessa escolha de enquadramento, buscamos transmitir um olhar intimista em sintonia com a história contada pelo entrevistado, visando tornar a cena mais poética e imersiva. A dinamicidade dos ângulos pretende enriquecer a narrativa, proporcionando uma experiência visual mais envolvente e cativante para o espectador.

Figura 4 - Referência de imagem de apoio



Fonte: Documentário Artesanato de Dendê para onde vai...(2020)

Plano Detalhe: Ao explorarmos a arte da cerâmica, decidimos integrar a prática artística do artesão durante a entrevista. A proposta é que ele esteja envolvido na criação de uma peça enquanto compartilha suas experiências. Essa abordagem visa tornar a cena dinâmica e poética, destacando o artesão no momento da entrevista. Ao mesclar a expressão verbal com a ação artística, tivemos em vista criar uma narrativa visualmente envolvente, enfatizando a destreza e a paixão do artesão pela sua arte.

Figura 5 - Referência de imagem de apoio



Fonte: Documentário Artesanato de Dendê para onde vai...(2020)

Nesse plano Aberto, planejamos introduzir o artesão em seu ambiente de trabalho, estabelecendo a atmosfera ideal para a entrevista. A intenção é contextualizar a narrativa ao redor da prática artística, destacando os elementos característicos do espaço onde o artesão dá vida às suas criações. Essa abordagem visa não apenas enriquecer visualmente a entrevista, mas também proporcionar aos espectadores uma imersão mais profunda na essência do processo criativo do artesão.

Figura 6 - Referência de imagem de apoio



Fonte: Documentário: O Artesanato da Ilha de Ferro...(2021)

Ao incluir planos detalhes nas obras dos ceramistas, enfatizando a diversidade e singularidade de cada arte. A ideia é destacar as criações individuais desses artistas, ressaltando que cada um segue uma linha criativa única. Ao focalizar em planos detalhes, evidenciamos a textura, cores e formas específicas de cada peça, transmitindo a riqueza da expressão artística desses ceramistas. Além disso, esse enfoque visa ressaltar a variedade presente no trabalho desses artistas, contribuindo para uma apreciação mais profunda e envolvente por parte do espectador.

2.2 PRODUÇÃO

2.2.1 Direção

Este projeto foi co-dirigido pelas duas integrantes, Karolayne Torres e Yasmin Mesquita, as decisões, como roteiro, pré-produção, produção, pós-produção, decupagem e finalização foram discutidas em equipe.

Os entrevistados primeiramente foram introduzidos sobre o projeto, como queriam retratar suas histórias e a importância do documentário. Os dirigimos de forma em que se sentissem confortáveis e abertos a falar sobre o tema como em uma conversa, orientamos sobre como seria a estrutura do documentário e assim fomos dirigindo-os em cada cena para que ficasse o mais orgânico e espontâneo possível.

Em todos os momentos fomos cuidadosos para que os entrevistados não se sentissem pressionados ao mesmo tempo, em que conduzimos as entrevistas para não sair da narrativa planejada na pré-produção. Assim como quando precisamos improvisar em meio a imprevistos e/ou nos momentos oportunos em que adicionamos novos entrevistados para engrandecer o documentário.

2.2.2 Produção Mãos que Criam

As gravações ocorreram entre 05 de setembro e 03 de novembro, ou seja, em um período de 02 meses. A cada externa foi realizado uma pauta contendo encaminhamento e perguntas-base, cada entrevistado teve um direcionamento, foi vital conhecer seus trabalhos e suas relações culturais. Por exemplo, Rosemiro teve um encaminhamento histórico, de contextualizar a história do bairro e a tradição ceramista. Rosimara sua filha, com a função de

relatar essa passagem de conhecimento, como continuou o legado do seu pai, reconfigurando ele e repassando para os jovens da Escola Liceu. O Igor, coordenador da instituição, falou da importância da educação patrimonial para preservar esse saber e como ele atravessa a juventude.

A família Santana, retrata bem a ressignificação do trabalho ancestral na era digital, em como eles modernizam esse trabalho, falando do futuro da cerâmica. E das novas de conectar essa geração com o trabalho artesanal. Falam da mobilização da comunidade, a relação do turismo e economia.

O projeto Replicando passado, mostra outro lado, o cruzamento do conhecimento científico com o popular, uma vez que esse saber muitas vezes é desvalorizado por não estar ligado a uma instituição de saber. Helena Pinto contextualiza esse processo, conta sobre essa relação de ser patrimônio imaterial e com o trabalho feito na Olaria.

Ciro Croelhas e Marivaldo trouxeram uma visão sobre a importância de projetos como Ecomuseu e o replicando o passado. Em como isso mobiliza a comunidade e os mestres. Mostraram esse choque geracional e frustração em relação à passagem do conhecimento, uma vez que esse sabe finaliza na geração deles.

2.2.2 Direção fotográfica

Inicialmente a fotografia foi pensada para ser uma narrativa visual, com isso buscamos referências que nos ajudassem a explorar da melhor forma, a ideia é criar um estilo que nos identificasse no produto final.

Com as referências estudadas os planos, enquadramentos e iluminação foram definidos, optamos por ter uma variedade de planos abertos, fechados, de angulações e enquadramentos variados, definimos também que incluir o entrevistado em seu ambiente de trabalho seria melhor para a narrativa visual que buscamos. Para tal escolhemos os equipamentos para criar o *set* da entrevista nas oficinas e lojas dos entrevistados, e por nossa intenção ser produzir um *set* orgânico e imersivo. Além da baixa disponibilidade de equipamentos de luz, optamos por trabalhar o máximo com a luz ambiente e para tal fizemos o reconhecimento prévio do local para que entendêssemos o que seria feito. Como equipamento de iluminação utilizamos bastões de led para tirar sombras e como luz de corte, posicionando o bastão atrás ou a 45 graus do entrevistado. Para filmagem dos entrevistados utilizamos duas câmeras em dois ângulos ao mesmo tempo, sendo que uma era sempre uma

imagem fluante para trazer dinâmica e suavidade nas imagens e não ficar a sensação de imagens sempre estáticas. Para as cenas de apoio filmamos os entrevistados em seus momentos de criação e ensino de forma orgânica, pedimos para que ficassem a vontade e nós conduzimos os enquadramentos e as filmagens. Nesse momento focamos nas expressões e movimentos feitos pelos artesãos, com planos detalhes bem explorados para destacar cada simples movimento de suas técnicas.

Ao todo, os equipamentos que usamos foram: como primeira câmera usamos uma Canon 8D com uma lente 28-135mm, que usamos mais na milimetragem de 35mm, como segunda câmera uma Canon 6D com uma lente 50mm. Que foram propriedade do CESUPA. Por conta de agendamento e indisponibilidade dos equipamentos em algumas diárias foi preciso trocar a câmera primária por uma Canon SL2 e a secundária por uma Canon T4, essas foram empréstimos pessoais de amigos. Para captação do áudio dos entrevistados foi utilizado um microfone lapela, um microfone externo para captação de som ambiente, duas fontes de luz de led, quatro baterias, um carregador para as baterias, um tripé, quatro cartões de memória de 64gb cada.

2.3 PÓS-PRODUÇÃO

2.3.1 Edição de imagem

A montagem do filme foi pensada de forma que os produtos, as ações e a localidade dos participantes fossem valorizados. A fotografia com planos e detalhes bem encaixados na montagem tinham o objetivo de criar uma proximidade, bem como planos mais abertos, que foram utilizados para criar ambientação e localizar as cenas.

O software Adobe o Premiere foi usado nessa etapa, seja no processo de decupagem das imagens até a edição. A partir desse programa conseguimos construir a narrativa final do documentário, juntar a questão visual, as imagens de apoio com as sonoras. Foi pelo Premiere que o projeto ganhou características de documentário. Ao analisar o material bruto tínhamos 3h45, um material denso para ser analisado que teria como resultado 15 minutos. Mas devido à densidade do conteúdo, adaptamos para 20 minutos e assim contemplar as narrativas e as imagens produzidas. Logo, existia uma preocupação em trazer um ar mais leve misturado com imagens dos processos e ações com os personagens. O documentário tem o foco de evidenciar

um conhecimento derivado do cotidiano, da oralidade e das mãos desses artesãos, então queríamos trazer uma linguagem mais intimista e poética.

2.3.2 Edição de som

Novamente utilizando o Adobe Premiere conseguimos nivelar os áudios das entrevistas, realizar a mesclagem com as trilhas sonoras selecionadas e até exportar os parâmetros ideais para uma reprodução aprimorada. A sonorização utilizada teve como objetivo criar imersão, através de captação de sons ambientes, como de pássaros, do vento, de vozes e até mesmo o som das ferramentas, como o torno de oleiro.

A trilha sonora doc foi composta pelas músicas do Iris da selva, artista trans não-binário da Amazônia, nascido em Icoaraci. Suas composições misturam carimbó urbano com música regional, embalado pelo sentimento, natureza e espiritualidade. Para compor a sonoridade foi usado o som do Trio Manari, que em cada batuque entrega um pedaço da cultura. É impossível falar de arte, Amazônia sem trazer sons regionais e elementos da nossa identidade cultural. Para isso foi solicitado a liberação para o Márcio Bonfim e Iris da selva o uso das músicas. Além disso, foi usado o banco de trilha. A ferramenta Adobe Podcast foi para melhorar a qualidade do áudio das entrevistas, para retirar ruídos e barulhos externos que entraram nas sonoras.

2.3.3 Circulação e exibição

Temos como objetivo retornar o material para a comunidade, que seja um material de divulgação do trabalho ceramista, descentralizar o conhecimento, para que assim chegue a mais pessoas, visto que desde o início o projeto tem um posicionamento decolonial.

Planejamos colocar o projeto em festivais e até produzir uma versão estendida para aprofundar os conhecimentos, uma vez que o material bruto tinha 3 '45", onde tivemos que cortar entrevistas e sintetizar conteúdos para chegar ao resultado esperado. Por ser trabalho acadêmico, temos o interesse em escrever em festivais, amostras e também na Expocom, além de fazer exibição em emissoras de tv. Uma vez que esse saber deve ser compartilhado e sair do meio universitário. Dessa forma iremos posteriormente colocar em plataformas digitais, como o YouTube. Foi combinado com a comunidade e os projetos envolvendo a cerâmica do Paracuri, retornar com o documentário, visto que o projeto busca valorizar, relatar e divulgar

essa cultura artesanal , é essencial documentar as experiências e vivências dessas pessoas que movimentam a economia criativa.

Figura 7 - Lettering com o nome do documentário

**PARA
CURI
MÃOS 
QUE CRIAM**

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 8 - Aplicação do lettering no documentário



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 9 - Caixa de identificação entrevistados



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 10 - Aplicação caixa de identificação entrevistado



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso foi pautado em criar um documentário para relatar como se dá a transmissão intergeracional do conhecimento ancestral através da produção da cerâmica do Paracuri em Icoaraci. Teve como objetivo compreender como se dá esse processo contado diretamente pelas pessoas que vivem essa tradição, a fim de documentar e divulgar essa cultura local.

Com essa produção foi possível entender como se construiu a história da cerâmica em Icoaraci ao longo do tempo e a influência dela na noção de cultura dos envolvidos. Assim como foi possível entender as mudanças no modo de consumo mais utilitário para um modo de consumo mais simbólico, cultural e decorativo que é como as pessoas hoje em dia consomem a cerâmica do Paracuri.

As entrevistas, o modo como elas ocorreram e como escolhemos contar essa história foram fundamentais para a construção desse projeto. Pesquisar, entender essa cultura e relatar ela de outra forma não seria tão fiel e interessante, tão pouco justa, quanto ouvir dos próprios detentores dessa tradição. Eles contam com emoção, com os olhos cheios e com muito orgulho do que viveram, do que criam e do que estão passando para as gerações à frente e que por mais que tenham seus desafios com uma geração. Que se desprende dos saberes ancestrais, há quem esteja utilizando de novas tecnologias para engrandecer a cultura e o comércio, os mantendo vivos.

O período de pesquisa nos fez entender o quão grande e importante é a cultura ceramista, e essa grandeza gerou dificuldades para definirmos como contaríamos essa história. A direção do tema a ser abordado foi mudando com nosso aprofundamento nos conhecimentos sobre essa tradição. A participação em eventos como o Circuito da Cerâmica realizado pelo Chibé Literário e exposições foi de extrema importância para a estruturação do documentário, principalmente para o *network* com os artesãos e pesquisadores com quem queríamos realizar as entrevistas.

Outro grande desafio foi a produção audiovisual, produzir um documentário dessa importância da forma como gostaríamos com pouco recurso exigiu da equipe muito empenho como conciliar as datas das entrevistas com a disponibilidade dos equipamentos, por exemplo, definimos quais equipamentos gostaríamos para as gravações, porém, em algumas diárias gravamos com equipamento que estava disponível e precisamos extrair o máximo de recurso para manter a qualidade que visamos para o projeto.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa e do documentário obtivemos diversos conhecimentos, foi um desafio engrandecedor para a conclusão de nossa vida acadêmica enquanto graduação e uma experiência notória e fundamental na preparação para a vida profissional. Produções como esta que desenvolvemos são essenciais para a conscientização e divulgação dos saberes e da cultura regional de nosso povo, o Pará é um estado com dimensão de país e por muitas vezes os próprios paraenses de uma região não conhecem as culturas de outras partes do estado. Tão pouco que, por exemplo, a cultura tapajônica lá do oeste do estado é uma influência fundamental no ofício ceramista do Paracuri. O presente projeto abre espaço para contar novas histórias, para explorar outros ofícios culturais do estado e divulgar esses saberes pelo Brasil, os quais são um de nossos objetivos futuros com esse documentário, aplicando-o para mostras culturais e festivais de cinema.

Por fim, concluimos que apesar de termos essa visão, as novas gerações não estão se desprendendo totalmente da cultura, tão pouco a apagando, e que ao longo de mais de 100 anos de tradição ceramista outras mudanças e modernizações vieram e a tradição se manteve viva. Como no passado, a transmissão dos saberes está se adaptando às tecnologias e ao modo de viver das novas gerações, seguindo firme e perpetuando o ofício e a cultura ceramista do Paracuri. Outra percepção foi que por mais que o ofício ceramista possa ser encontrado em diversos outros povos e não ser exclusivo dessa cultura, a tradição ceramista da forma que existe no Paracuri só teve esse destino por ser Icoaraciense.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BELÉM. **Primeiro ecomuseu de Belém tem como roteiro a história da olaria do espanhol em Icoaraci.** Disponível em:

<<https://agenciabelem.com.br/Noticia/230807/primeiro-ecomuseu-de-belem-tem-como-roteiro-a-historia-da-olaria-do-espanhol-em-icoaraci>>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.

ARTESOL. **Marivaldo da Costa.** Disponível em:

<<https://artesol.org.br/marivaldodacosta>>. Acesso em: 11 de agosto de 2023.

COMUNIDADE, L. **A Tradição da Cerâmica Marajoara em Icoaraci.** Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=eM3I7MGJzno>>. Acesso em: 11 de agosto de 2023.

CRISTIANA BARRETO et al. **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia : rumo a uma nova síntese.** Belém, Brazil: Iphan, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.

DALGLISH, L. **A VITÓRIA DO SONHO - a arte cerâmica de Mestre Cardoso.**

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9o2vY5WmN4k>>. Acesso em: 24 de setembro de 2023.

FERNANDES, A. **Documentário Artesanato de Dendê para onde vai..** Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OWL9XCqz_7g>. Acesso em: 24 de setembro de 2023.

DOL. **Cerâmica Marajoara: a alma de Icoaraci.** Disponível em:

<<https://dol.com.br/noticias/para/538758/ceramica-marajoara-a-alma-de-icoaraci?d=1>>.

Acesso em: 11 de agosto de 2023.

ESCREVENDO O FUTURO. **Dica de filmagens.** Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-2-filmagem-em-situacao-de-entrevista/>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.

FERREIRA, Sara Moreira. **A Arte de ser Artista: O processo de criação de um documentário.** 2022. Dissertação de Mestrado.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO (IPATRIMÔNIO). **Belém: Acervo Arqueológico de Cerâmica Marajoara.** Disponível em:

<<https://www.ipatrimonio.org/belem-acervo-arqueologico-de-ceramica-marajoara/#!/map=38329&loc=-1.4553724137449557,-48.5046813346093,17>>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).

Acervo Arqueológico. Dicionário do Patrimônio Cultural. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/65/acervo-arqueologico>>. Acesso em: 11 de agosto de 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2008 – (Coleção Campo Imagético).

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. **Arqueólogos do Museu Goeldi iniciam novo projeto com ceramistas de Icoaraci, PA**. Disponível em: <<https://www.museu-goeldi.br/noticias/arqueologos-do-museu-goeldi-iniciam-novo-projeto-com-ceramistas-de-icoaraci-pa>>. Acesso em: 08 de agosto de 2023.

O Liberal. **Barreirenses movimentam produção de cerâmica em Icoaraci**. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/barreirenses-movimentam-producao-de-ceramica-em-icoaraci-1.127106>>. Acesso em: 11 de agosto de 2023.

PAIM, Elison Antonio. **Epistemologia Decolonial: Uma ferramenta política para ensinar histórias outras**. HH Magazine, 2019. Disponível em: <<https://hhmagazine.com.br/epistemologia-decolonial-uma-ferramenta-politica-para-ensinar-historias-outras/>>. Acesso em: 28 de Setembro de 2023.

PIZA, Suze de Oliveira; PANSARELLI, Daniel. **Sobre a descolonização do conhecimento: a invenção de outras epistemologias**. Estudos de Religião, v. 26, n. 43. p.25-35, 2012.

PIZA, Suze. **Pensar desde a América Latina: em defesa das epistemologias do Sul**. Paulus Revista de Comunicação da FAPCOM. Volume 2. p.27, 2018.

PORTALLIV. **Tradição e Originalidade**. Disponível em: <https://www.portalliv.com.br/materia/tradicao_e_originalidade>. Acesso em: 04 de agosto de 2023.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-278.

DOS SANTOS, T. S. **Memória e imagem na construção da história dos artesãos ceramistas de Icoaraci/Belém/PA**. [s.l.: s.n.].

DE SOUZA, D. M. **O trabalho dos artesãos ceramistas em Icoaraci, Belém/PA: contribuições aos estudos sobre a dinâmica da Amazônia brasileira**. [s.l.] ufpa, 2010.

APÊNDICE A - PAUTA GRAVAÇÃO 1

GRAVAÇÃO - 05.09.23

DATA: 05/09/23

HORA: 9h

LOCAL: Escola Liceu - Bairro Paracuri

Encaminhamento: Iniciaremos pela etapa 3 do Doc. O foco do dia é falar sobre Economia, turismo, visibilidade, patrimônio imaterial e relevância dessa técnica que atravessa gerações. Enquanto o resgate é uma forma de preservar e compartilhar as técnicas e saberes para as próximas gerações, para manter viva a tradição da cerâmica de Icoaraci.

Sugestão de imagens

1. 8h30 Roda de conversa
2. Explorar a escola Liceu, conhecer o espaço ‘
3. Gravar os circuito pelas olarias
4. Olaria do espanhol, pegar imagens do espaço e produção
5. Marivaldo
6. Doca Leite
7. Família Santana
8. Imagens do Bairro Paracuri, contextualizar o doc

Abordagens do dia

1. Pegar contato do ecomuseu
2. Trocar ideia com a Maynara Santana (Família Santana)
3. Mapear personagens escola Liceu e programação
4. Entender qual o papo da olaria do espanhol e ecomuseu
5. Pegar contatos das olarias e vê a disponibilidade, trocar uma ideia com artesãos
6. Se possível orla de Icoaraci, a feira do paracuri

APÊNDICE B - PAUTA GRAVAÇÃO 2

PAUTA

RETRANCA: Artesão ceramista

DATA: 19/10/23

HORA: 9h

LOCAL: Travessa Soledade 700 entre as ruas: Coronel Juvêncio Sarmento (quinta rua) de Santa Isabel (sexta rua).

PRODUTOR: Yasmin Mesquita

ENTREVISTADO: Rosimiro souza Pinheiro

CONTATO: +55 91 8199-4783

REDES SOCIAIS: @rosemiro_ artesanatos

ENCAMINHAMENTO: Vamos conhecer o ceramista mais antigo vivo do Paracuri, seu Rosemiro, tem 86 anos, trabalha dando forma à argila desde 1947. Faz questão de explicar que a cerâmica marajoara é milenar, que os oleiros e artistas de hoje seguem os passos deixados por outras civilizações. Foi amigo do Cabeludo, que foi responsável pela introdução do modelo cerâmica do paracuri em Icoaraci.

INFORMAÇÕES:

Filho de Pedro Celestino Pereira (artesão e pescador), Mestre Rosemiro iniciou suas atividades na cerâmica em 1950, como oleiro levantador de peças de argila em torno. Com uma vasta experiência e líder ceramista, é reconhecido pela comunidade como difusor dos saberes e fazeres da arte da cerâmica. Sua arte é influenciada pelos mestres portugueses: Manoel Macedo, Luiz Gonzaga e Antonio Costa.

A olaria de Rosemiro Pereira, de 86 anos, fica no distrito de Icoaraci, a 17 quilômetros do centro de Belém (PA). Desde a década de 1960, o mestre ceramista e o amigo Antônio Freitas, o Cabeludo, transformam em objetos a argila extraída do leito dos rios. O espaço atrai estudantes e pesquisadores interessados na trajetória autodidata do artista. “Só tive a evoluir, porque não estudei. Sou mestre do notório saber e com isso tive a oportunidade de viajar o Brasil todo.” As peças da olaria também foram levadas a salões comerciais de artesanato em outros países, como Chile e Argentina.

A experiência de Rosemiro na cerâmica marajoara teve contribuições de outros oleiros. Ele, por sua vez, conta que ensinou o que aprendeu a familiares, amigos e comunidades. “Nas década de 1970 e 80, percorri vários colégios de Belém. Ajudei uma família com filhos pequenos, eles sempre me agradecem. O mais interessante é que todos hoje são oleiros e têm sua própria oficina”, conta.

Tradição familiar — A transmissão de conhecimento, técnica e habilidade em cerâmica movimentou o distrito de Icoaraci há muito tempo. É uma das expressões artísticas da região amazônica e um modo de ganhar a vida. “Nossa família toda cresceu nesse universo e a tradição já está na quarta geração”, diz a pedagoga e artesã Rosilene Trindade, de 43 anos, filha de Rosemiro. “No passado, fazíamos mais **peças utilitárias**, como potes, copos e pratos. Com a influência do oleiro Cabeludo, a cerâmica produzida na região ganhou um outro olhar e engrandeceu o trabalho feito ali.”

Em março de 2018, Rosilene recebeu o diploma de mestre ceramista e a Carteira Nacional de Artesão, ao lado do pai e do irmão, pela Secretaria de Assistência Social, Trabalho, Emprego e Renda do Pará. “É um reconhecimento para a gente, mas o papai já é chamado, há muitos anos, de mestre”, lembra. “Isso pra mim foi um momento histórico estando ao lado dele. A gente não se intitula assim porque **somos daquele tempo que os mestres dos saberes eram mais antigos**. Têm uma vivência maior dentro desse saber”, conta.

Reação Histórica - Rosemiro Pinheiro de Souza lembra os primeiros anos da década de 1960 no bairro do Paracuri, em Icoaraci. Foi nesta época que um amigo oleiro chegou a sua casa, lhe contando sobre um tipo de cerâmica que tinha visto ao folhear um livro por acaso. Aquele momento entre os dois amigos foi o primeiro passo de uma jornada que fez deste distrito de Belém, distante cerca de 67 km da Ilha do Marajó, o principal santuário da arte em cerâmica marajoara no Brasil.

Lembra as palavras exatas de seu amigo Antônio Farias, conhecido por todos como Cabeludo. “Irmão, eu hoje lendo um livro descobri que aqui na nossa região do Marajó existe uma cerâmica mais bonita do que a que fazemos”, fala Rosemiro, reproduzindo as palavras do amigo naquele dia. A partir da descoberta de Cabeludo, os dois começaram a dedicar a vida a este estilo de cerâmica, criada por civilizações que viveram pelo Pará entre os séculos IV e XIV. Descobertas pelos pesquisadores Charles Frederick Hartt e Domingos Soares Ferreira Penna durante visita ao Marajó em 1871, a arte marajoara estava no centro das atenções de pesquisadores e antropólogos do mundo inteiro, e logo passou a ser apreciada e reproduzida

pelos paraenses.

O fascínio de Cabeludo rapidamente contagiou Rosemiro. Aguçados pela curiosidade em uma época de difícil acesso à informação, os jovens de vinte e poucos anos passaram a pesquisar tudo o que podiam sobre cerâmica marajoara. Autodidata, a dupla aprendeu a copiar os objetos arqueológicos a partir da observação minuciosa das imagens nos livros e, mais tarde, a partir da década de 70, da ajuda de Raimundo Cardoso, considerado o mestre que difundiu a cerâmica marajoara mundo afora. Mestre Cardoso teve contato com o estilo marajoara pela primeira vez durante uma visita ao Museu Emílio Goeldi. Mais tarde, quando se mudou para Icoaraci, Cardoso se uniu a Rosemiro e Cabeludo. “O Cardoso foi o primeiro a visitar museus e ver as cerâmicas marajoaras originais. Tinha dia que ele passava o dia no museu, observando e copiando cada detalhe das peças. Ele criou um programa sério para levar essa arte para outros cantos”, conta Rosemiro.

Com a experiência adquirida ao longo do tempo, os três repassavam aos outros oleiros da comunidade tudo o que aprendiam. O objetivo era fazer com que as famílias do Paracuri, acostumadas a trabalhar com outros tipos de cerâmicas, trabalhassem com o estilo regional. Deu certo. A geometria única, as representações de seres divinos, plantas e animais da Amazônia valorizavam as peças e aumentavam consideravelmente as vendas. Em pouco tempo tornou-se difícil encontrar alguém que trabalhasse com cerâmica de outro estilo no Paracuri. “Naquela época foi uma febre”, relembra o mestre.

Dez anos após a “descoberta” de Cabeludo, o Polo de Cerâmica do Paracuri tornou-se a principal referência nacional na arte em cerâmica marajoara. Interessadas no ofício, várias pessoas de Belém e das cidades do interior deixaram suas casas para aprender com os três mestres do Paracuri. “Aqui comigo foram formados pelo menos 40 ceramistas, isso só do interior”, conta Rosemiro. Atualmente, as cerca de 80 famílias ceramistas que vivem na comunidade, trabalham diuturnamente para atender encomendas de todo o Brasil e de alguns países. São produzidas canecas, pratos, amuletos, vasos e urnas de todos os tamanhos.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

1. Seu Rosimiro quero que o sr se apresente pra gente, conta um pouco da sua história e habilidades, como a cerâmica chegou na sua vida?

2. Como é essa história da sua relação com o mestre cabeludo e o mestre Cardoso, apresenta eles pra gente..
3. Qual o papel do mestre cabeludo e do mestre Cardoso na difusão da cerâmica?
4. O sr tem 86 anos e a cerâmica está há 4 gerações na sua família, conta um pouco sobre isso, apresente a sua família pra gente, como esse saber atravessou gerações?
5. O sr já levou o seu trabalho até a onde?
6. Acredito que tem um certo preconceito sobre o título mestre, com a associação a um saber milenar, mas cerâmica do paracuri tem o seu valor, tem história, é sobre família tradição, um saber ancestral, como o sr defende isso?
7. Pela minha pesquisa o sr já participou de oficinas e palestras, visitou lugares difundidos esse saber, podes compartilhar um pouco disso pra gente?
8. Conheces os projetos de incentivo a cerâmica do paracuri, como o da escola Liceu, o replicando o passado?
9. o quanto isso é importante para compartilhar e preservar esse saber?
10. Fala um pouco dessa tradição e a questão familiar nas olarias...
11. Como é a produção, o processo e as etapas, podes compartilhar um pouco da sua rotina de produção?
12. Cada ceramista tem o seu estilo, conta um pouco da sua técnica ...
13. O que caracteriza o movimento do Paracuri?
14. Fala um pouco da estética e do grafismo presente nas peças, o que elas comunicam?
15. Explica como é feito esse processo....
16. Esse grafismo faz parte da nossa cultura, Como enxerga a relevância do teu trabalho?
17. Qual a tua inspiração, o que te motiva a fazer isso?
18. Qual o legado que o sr deixa, e como essa nova geração leva isso adiante?
19. O que a cerâmica e o seu trabalho representam para o sr?
20. O que faz esse bairro ser único?

APÊNDICE C - PAUTA GRAVAÇÃO 2

PAUTA

RETRANCA: Liceu Escola de Artes e Ofícios "Mestre Raimundo Cardoso"

DATA: 19/10/23

HORA: 14h

LOCAL: Travessa dos Andradas, S/N - Ponta Grossa (Icoaraci)

PRODUTOR: Yasmin Mesquita

ENTREVISTADO: Igor Cruz e Rosimara Pereira

CONTATO: (91) 98849-9018

REDES SOCIAIS: @

ENCAMINHAMENTO: A Escola Liceu do Paracuri promove a tradição da cerâmica de Icoaraci com educação patrimonial, com um currículo diferenciado, a instituição incentiva e transmite esse conhecimento ancestral para a nova juventude. Vamos saber como se dá esse processo.

INFORMAÇÕES:

O Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso, em Icoaraci, se destaca como referência na rede municipal de educação de Belém na promoção ceramista do distrito. A escola mantém a disciplina Educação Patrimonial desde a fundação do espaço, em 1996, justamente com esta finalidade.

A Educação Patrimonial nas escolas é um importante caminho para a preservação e valorização dos bens imateriais e das pessoas que formam o legado cultural histórico, pois é na sala de aula que as novas gerações se apropriam da herança cultural.

Aulas passeio - No Liceu, o professor de História e de Educação Patrimonial, Igor Cruz, explica que busca ter uma experiência mais física com seus alunos, por meio de expedições e "aulas passeio", realizadas na própria escola. "Obtemos um retorno significativo com as atividades realizadas e que elas despertam a atenção e a curiosidade das crianças".

São desenvolvidas oficinas e projetos que explicam o tripé da educação patrimonial, que envolve o patrimônio, o fazer parte dele e a preservação dele.

Um dos projetos realizado pela escola é o "Gameficação", que produz jogos de tabuleiro utilizando folhas de papéis, coladas uma nas outras, simulando um tabuleiro grande, onde os

alunos inventam um jogo de perguntas e respostas sobre os pontos turísticos de Belém.

Com o avanço da iniciativa, outros projetos foram surgindo e aguçando a imaginação das crianças, como jogos sobre pontos turísticos como praças, museus que fazem parte das riquezas históricas e culturais e sobre o folclore paraense.

Polo - O distrito de Icoaraci é um importante polo de produção de cerâmica desde o início do século XX. E a escola Liceu do Paracuri valoriza este conhecimento, que é parte da realidade das famílias de seus alunos.

"A Educação Patrimonial trabalha no sentido de proporcionar um entendimento mais aproximado, o porquê de fazer cerâmica, o porquê de a cerâmica ser parte da nossa identidade e por que ela pode ser considerada parte do nosso patrimônio cultural", explica o professor Igor Cruz.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- Coordenador do projeto

1. Apresenta a escola e como funciona esse currículo diferenciado?
2. Como acontece essa transmissão de saber para juventude?
3. Qual a importância disso para esses jovens?
4. O que isso pode representar para a questão da cultura e identidade do bairro?
5. O porquê da educação patrimonial?
6. Como funcionam as aulas de educação patrimonial?
7. Consegue enxergar o valor simbólico disso?
8. Como acontece a preservação desse legado?
9. A escola acaba sendo o centro de tudo, qual o papel dela nesse sentido, cultural, histórico e social?
10. Como acontece a aproximação dessa juventude com o barro?
11. Quando falamos da cerâmica do paracuri, falamos sobre a desvalorização e um preconceito sobre o saber popular, como descontraem isso?
12. Falando sobre Identidade do bairro, o que faz ele ser único e rico em cultura?

- **Oficineira Rosi Pereira**

1. Rosi Podes contar como a cerâmica chegou na tua vida?
2. Está continuando o legado do seu pai, o que isso significa pra ti?
3. Como essa tradição se mantém viva na sua família?
4. Hoje o que ela representa para ti?
5. Sabes que vocês são mestres de um saber milenar, como tu te posicionas em relação a isso?
6. Qual a importância de preservar esse saber
7. Hoje está aqui nessa oficina repassando isso, qual o significado disso?
8. Como se sente ao ser um agente cultural?
9. o quanto isso é importante para compartilhar e preservar esse saber?
10. Qual o papel feminino nas olarias?
11. O que faz esse bairro ser único?

APÊNDICE D - PAUTA GRAVAÇÃO 3

PAUTA

RETRANCA: Artesão ceramista

DATA: 28/10/23

HORA: 9h

LOCAL: Travessa soledade,786, Icoaraci

PRODUTOR: Yasmin Mesquita

ENTREVISTADO: Família Santana

CONTATO: (91) 9 9350-3665

REDES SOCIAIS: @fsceramica

ENCAMINHAMENTO: Falaremos sobre Tradição familiar, o choque geracional desse saber ancestral, como se dá a passagem de conhecimento e as formas de manter viva essa cultura. Através da visão da família santana

INFORMAÇÕES:

A cerâmica, que é fruto de trabalho paraense, nasceu quando a matriarca da família, a avó Fernanda, se mudou com o marido e os seis filhos do centro da capital paraense para Icoaraci, distrito de Belém, nos anos 50. A matriarca trabalhava na capital como lavadeira, e após se mudar, precisou também optar por outra profissão, já que estava distante do centro da capital, onde tinha seus clientes. Foi então que a Avó passou a trabalhar com cerâmica, que era a atividade predominante no distrito. Ela passou a trabalhar como brunideira na Olaria do “seu Zé Espanhol”. A atividade que dona Fernanda exercia é a que dá brilho às peças de barro, ao mesmo tempo que impermeabiliza. A atividade é feita apenas por mulheres. A Olaria do “seu Zé Espanhol” é a mais antiga que existe no bairro do Paracuri, em Icoaraci, ativa desde 1903.

Maynara Sant’ana, empreendedora, ativista negra e neta de dona Fernanda, é quem está à frente do empreendimento familiar. Ela conta que seu pai, Guilherme Santana, filho de Dona Fernanda, seguiu a tradição da família. Ele aprendeu a profissão ao acompanhar sua mãe no trabalho: “as mães tinham o hábito de levar os filhos para o trabalho por não ter com quem deixar. Minha avó levava seus seis filhos para a olaria, e dois seguiram a tradição, minha tia Rosa, e o meu pai, Guilherme”.

O costume foi passado para as outras gerações e resultou na Cerâmica Família Sant’ana, negócio que envolve quatro pessoas da família: o casal Marly e Guilherme Sant’ana (filho de

Fernanda), e Maynara e o marido, Sebastian. Na divisão de atividades, Sebastian fica responsável por desenvolver o conceito das peças, Guilherme faz a produção. Marly cuida da finalização, e Maynara toca a comunicação da empresa.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- Mestre Guilherme

1. Mestre guilherme quero que o sr se apresente pra gente, conta um pouco da sua história e habilidades, como a cerâmica chegou na sua vida?
2. Apresente a sua família pra gente, como esse saber atravessou gerações?
3. Acredito que tem um certo preconceito sobre o título mestre, com a associação a um saber milenar, mas cerâmica do paracuri tem o seu valor, tem história, é sobre família tradição, um saber ancestral, como o sr defende isso?
4. Como é a produção, o processo e as etapas, podes compartilhar um pouco da sua rotina de produção?
5. O que caracteriza o movimento do Paracuri?
6. Fala um pouco da estética e do grafismo presente nas peças, o que elas comunicam?
7. Esse grafismo faz parte da nossa cultura, Como enxerga a relevância do teu trabalho?
8. Qual a tua inspiração, o que te motiva a fazer isso?
9. Qual o legado que o sr deixa, e como essa nova geração leva isso adiante?
10. O que a cerâmica e o seu trabalho representam para o sr?
11. Quais significados essas peças carregam?
12. Qual legado o sr deixa para sua família?
13. O que faz esse bairro ser único?

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- Maynara Santana

14. Como a cerâmica chegou na tua vida?
15. Fala um pouco dessa tradição e a questão familiar nas olarias, os mestre são guardiães do saber ancestral, o que seria isso?
16. Qual o fluxo de trabalho entre a família, como funciona a divisão de tarefas?
17. Qual o papel da mulher na introdução nas olarias?

18. Como esse saber se reconfigura na era digital?
19. Existe um choque geracional?
20. Hoje a gente tem projetos de incentivo a cerâmica do paracuri, qual seriam eles?
21. Como a escola Liceu, o ecomuseu, o replicando o passado, são meios de preservar essa cultura? Qual a relevância disso para a cultura ceramista?
22. Existe um preconceito sobre o título mestre? com a associação a um saber milenar, mas cerâmica do paracuri tem o seu valor, tem história, é sobre família, tradição, um saber ancestral..
23. Como a gente preserva esse saber e consegue repassar ele adiante?
24. Aonde que os trabalha da família santana já chegou?
25. Qual a dinâmica da oficina de hoje? Como se dá essa experiência através do Barro?
26. Quais significados essas peças carregam?
27. O que faz esse bairro ser único?
28. Qual legado tu deixa? Como conquistaram o espaço de vcs? - reinventando a cerâmica
29. Qual seria o futuro desse saber ancestral?

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- Sebastian

30. Como a cerâmica chegou na sua vida?
31. O saber ele começa através da tradição, família sendo compartilhado pela comunidade, a gente já entrevistou várias pessoas e é muito interessante como essa arte chega até eles, essas conexões, como elas dialogam com a comunidade?
32. Consegues ver as diferenças de antes e agora?
33. Como que a família santana se reinventa, o que faz ela ser diferente, cada artesão tem as suas particularidades, a onde que a gente encontra isso?
34. Como esse saber se reconfigura na era digital?
35. Existe um choque geracional?
36. Fala um pouco da estética e do grafismo presente nas peças, o que elas comunicam?
O que a tua arte fala?
37. O que faz esse bairro ser único?
38. Qual a tua inspiração, o que te motiva a fazer isso?
39. Qual legado tu deixa?

APÊNDICE - PAUTA GRAVAÇÃO 4

PAUTA

RETRANCA: Replicando o passado

DATA: 30/10/23

HORA: 11h

LOCAL: GHX4+98 - Av. Perimetral, 1901 - Terra Firme, Belém - PA, 66077-830

PRODUTOR: Yasmin Mesquita

ENTREVISTADO: Helena Pinto

CONTATO: (91) 9 8291-4311

REDES SOCIAIS:

ENCAMINHAMENTO :Projeto do Museu Goeldi em parceria com Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso e ceramistas de Icoaraci promove troca de experiências sobre acervos arqueológicos. Vamos conhecer o projeto “replicando o passado”, falar do cruzamento do conhecimento científico com o popular.

INFORMAÇÕES:

O projeto “Replicando o passado: socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi através do artesanato cerâmico de Icoaraci” tem o objetivo de divulgar o acervo do museu e ao mesmo tempo potencializar o artesanato cerâmico da comunidade oleira de Icoaraci, com inspiração nos estilos arqueológicos da Amazônia. Assim, busca agregar valor cultural aos produtos artesanais com base no conhecimento arqueológico produzido pelo Museu Goeldi.

Projeto - Entre as atividades do projeto, estão visitas ao acervo arqueológico do Museu Goeldi pelos ceramistas, a escolha conjunta das peças a serem replicadas e a troca de saberes sobre os contextos arqueológicos-por parte dos cientistas da área- e as técnicas ceramistas-por parte dos artesãos de Icoaraci-. Após a escolha das peças, serão realizadas oficinas, no Liceu e no Museu Goeldi, sobre réplicas e miniaturas, para a confecção de duas coleções didáticas para uso de estudantes e deficientes visuais.

Ao final desse processo de formação, serão produzidas peças para a venda em lojas de museus, incluindo a do Museu Goeldi, assim como em outros pontos de comercialização de artesanato regional e nacional.

A coordenação do projeto é da arqueóloga Cristiana Barreto, bolsista de capacitação institucional (PCI-MPEG/CNPq) e curadora da Reserva Técnica Arqueológica "Mário Ferreira Simões" do Museu Goeldi, e da educadora Janice Lima, diretora do Liceu Escola Mestre Raimundo Cardoso.

Nas oficinas do projeto "Replicando o passado", que terão lugar após a conclusão do circuito de visitas à Reserva Arqueológica e à escolha das peças a serem replicadas, serão abordadas questões como: o que é uma réplica; o que é uma miniatura; o que é uma peça certificada; materiais e técnicas a serem usados em réplicas, o contexto arqueológico da peça original e sua história no museu; critérios usados em outros lugares; além de marcas, etiquetas e embalagens que agregam valor cultural às peças.

Socialização - Na década de 70, o Museu Goeldi fez trabalho semelhante com o famoso Mestre Cardoso, o que resultou no estímulo à reprodução das cerâmicas arqueológicas na Vila de Icoaraci. No final da década de 90, a Arqueologia do Museu Goeldi estabeleceu outra parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) para qualificar o trabalho de designers e artesãos paraenses, impactando fortemente a produção com a publicação *Arte da Terra* (1999).

Reserva - Atualmente, o acervo da Reserva Técnica de Arqueologia do Museu Goeldi ultrapassa dois milhões de itens, entre fragmentos, peças inteiras e semi-inteiras. Contém peças oriundas de diversos povos indígenas que viviam na Amazônia antes e durante a chegada dos colonizadores europeus na região. A reserva funciona desde 1997 no Campus de Pesquisa do Museu Goeldi, mas tem suas origens no século XIX, a partir da criação da instituição. Foi uma das primeiras coleções arqueológicas brasileiras tombadas pelo Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (atual IPHAN), em 1940.

Entre as décadas de 1950 e 1980, importantes coleções particulares e também objetos reunidos a partir de pesquisas em quase todos os estados da Amazônia Legal foram incorporados ao acervo do MPEG, com destaque para objetos em cerâmica, mas também objetos em rocha, madeira, osso, louça, ferro e exemplares de "arte rupestre" originais e em reproduções gráficas.

De lá pra cá, destacam-se várias outras pesquisas – em regiões como Carajás, Monte Alegre e a Calha Norte, no Pará - que resultaram em novos itens e informações para a coleção. O trabalho dos arqueólogos do Museu Goeldi dá origem a publicações de impacto internacional e exposições para socialização dessas informações com o público. Apenas entre os anos de

1998 e 2008, foram 17 exposições em cinco países e em cinco estados brasileiros.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

1. Helena, podes apresentar pra gente?
2. O que é o projeto replicando o passado?
3. É uma parceria com?
4. Como se dá essa socialização dos ceramistas com o museu ?
5. Como é essa troca? Quais resultados elas têm?
6. Quais os diálogos e conversas trabalhados aqui?
7. Quais as diferenças das réplicas e as produzidas pelos artesãos ?
8. Como se dá a união da pesquisa arqueológica com os saberes ancestrais?
9. Aqui acontece o cruzamento do do conhecimento científico com o popular, qual o resultado disso?
10. Quais significados essas peças carregam?
11. Qual a relevância da cerâmica do paracuri ser um patrimônio imaterial?
12. Qual a importância disso para nossa identidade amazônica?
13. Existe um valor simbólico, aliado à cultura e ao modo de fazer, como ele se constrói?
14. Fala um pouco sobre os acervos..
15. Como as réplicas são utilizadas?
16. Como a escola Liceu, o ecomuseu, o replicando o passado, são meios de preservar essa cultura? Qual a relevância disso para a cultura ceramista?
17. Existe um preconceito sobre o título mestre? Com a associação a um saber milenar, mas cerâmica do paracuri tem o seu valor, tem história, é sobre família tradição, um saber ancestral..
18. Como a gente preserva esse saber e consegue repassar ele adiante?
19. Qual o impacto do projeto na cultura e na vida dos artesãos?
20. Poder falar como se deu essa intervenção com o mestre Cardoso na década de 70?
21. Como conectar esse saber com as novas gerações?

APÊNDICE F - PAUTA GRAVAÇÃO 5

PAUTA

RETRANCA: Artesão ceramista

DATA: 03/11/23

HORA: 8h30

LOCAL: R. Santa Isabel, 2010 - Ponta Grossa, Belém - PA, 66812-500

PRODUTOR: Yasmin Mesquita

ENTREVISTADO: Ciro Croelhas e Marivaldo

CONTATO: (91) 98053-1061/ (91) 9 8361-5277

REDES SOCIAIS: @olariadoespanhol/ @marivaldoartes

ENCAMINHAMENTO: Iremos falar sobre Tradição Ceramista, e que contexto esse trabalho está inserido e as expectativas da transmissão desse saber, que ficou na geração de Ciro e Marivaldo.

INFORMAÇÕES:

Ciro & a olaria do espanhol

Também conhecida como oficina de oleiro ou oficina de ceramista, a Olaria é um local destinado à produção de objetos que utilizam do barro ou argila como matéria prima. Em Icoaraci, a cerâmica já tem uma tradição de mais de 300 anos. A Olaria do Espanhol é especializada na cerâmica utilitária. Instalada desde 1903 no Polo Ceramista do Paracuri, em Icoaraci, vem promovendo a vivência com os costumes e tradições desta cultura ceramista.

A Olaria do Espanhol foi fundada em 1903 pelo mestre João Espanhol. Ela ajudou a formar a mão de obra do Paracuri, atual polo da cerâmica no Pará. Com a proposta do Ecomuseu, a olaria colocou em prática uma ideia antiga de ter um espaço pedagógico em que o visitante pode acompanhar a linha do tempo das três gerações da olaria, o mapa da antiga rota fluvial de escoamento da produção cerâmica na região e o quadro de memórias da cerâmica dos utilitários, primeira produção das olarias, além de aprender a fazer a cerâmica.

Ciro Croelas, da Olaria do espanhol, localizada no Distrito de Icoaraci, faz parte da terceira geração da olaria, fundada pelo avô na virada do século XX. "Em 1903, meu avô veio da Espanha numa época em que muitos europeus fugiram da Europa. Lá ele trabalhava com o artesanato e quando chegou em Belém, veio para Icoaraci, que nessa época não tinha esse

nome, e se instalou próximo ao igarapé, próximo onde tinha o barro, matéria-prima para as suas produções", explicou Ciro.

A região fica no Paracuri I, área conhecida pela produção e venda de artesanato, no distrito de Icoaraci. O avô de Ciro trouxe na bagagem uma tecnologia avançada para a época, o forno e o torno, pois os artesãos locais faziam as peças da forma mais tradicional.

A ideia é mostrar a história da olaria. São 120 anos de existência no mesmo endereço. E ajudando a construir a história do bairro. Quando meu avô chegou aqui não se trabalhava com torno e as pessoas foram aprendendo aqui.

Marivaldo e peças arqueológicas

A cerâmica Paracuri começou a ser produzida na década de 1960, quando peças arqueológicas marajoaras passaram a inspirar ceramistas da comunidade de mesmo nome, localizada no distrito de Icoaraci de Belém, capital do Pará. Sua principal característica é a combinação de elementos marajoaras, como desenhos e grafismos repetidos, geométricos e simétricos, em alto e baixo relevo com novas formas e desenhos inventados pelos artesãos. Esse estilo é, assim, fruto da criatividade dos artesãos que aliaram e ainda aliam tradição à inovação, pois a cerâmica Paracuri não para de se reinventar.

Além da cerâmica Paracuri, Marivaldo é referência na produção de peças cerâmicas arqueológicas de diferentes fases das sociedades indígenas que viveram na região amazônica entre 400 e 1300 anos atrás, como a marajoara, tapajônica e santarena.

Diferentemente da cerâmica Paracuri, cuja produção é feita de forma seriada usando torno e tintas sintéticas, Marivaldo confecciona as peças arqueológicas seguindo as mesmas técnicas utilizadas por essas antigas sociedades. Os vasos, por exemplo, são modelados por acordelado, sem o auxílio do torno. Essa técnica consiste na sobreposição de rolos de argila em forma de anel ou espiral, que depois são alisados e recebem outros elementos, como figuras animais. Da mesma forma, as tintas são sempre naturais.

Marivaldo é o ceramista da terceira geração de sua família. Seus avós começaram a trabalhar com a técnica em 1971. Sua mãe era e ainda é desenhista e seu pai deixou de ser cozinheiro de barco para trabalhar com a família quando percebeu que a atividade dava dinheiro.

Marivaldo começou a fazer cerâmica brincando, como era costume na região. Ainda criança, estudava meio período e no outro trabalhava na olaria. Com 12 anos já fazia acabamentos e sabia desenhar os grafismos, aos 14 aprendeu a usar o torno e com 15 já dominava todas as etapas da técnica.

No final da década de 1990 teve contato com a cerâmica arqueológica. Suas primeiras peças deste segmento foram feitas com base em conhecimentos adquiridos em livros e a partir da observação de peças de Mestre Cardoso. Em 2016, foi convidado, junto a outros quatro artesãos, a fazer parte do projeto “Replicando o passado” do Museu Paraense Emílio Goeldi.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- Mestre CIRO

1. Mestre, se apresenta pra gente, conta um pouco da sua história e habilidades, como a cerâmica chegou na sua vida?
2. Como esse saber atravessou gerações?
3. Qual a relação do ecomuseu e a olaria do espanhol?
4. A olaria do espanhol é a mais antiga, conta um pouco dessa história...
5. Acredito que tem um certo preconceito sobre o título mestre, com a associação a um saber milenar, mas cerâmica do paracuri tem o seu valor, tem história, é sobre família tradição, um saber ancestral, como o sr defende isso?
6. Como é a produção, o processo e as etapas, podes compartilhar um pouco da sua rotina de produção?
7. Cada ceramista tem o seu estilo, conta um pouco da sua técnica ...
8. O que caracteriza o movimento do Paracuri?
9. Fala um pouco da estética e do grafismo presente nas peças, o que elas comunicam?
10. Como enxerga a relevância do teu trabalho?
11. O que te motiva a fazer isso?
12. Qual o legado que o sr deixa, e como essa nova geração leva isso adiante?
13. Acredito que tenha um desafio de passar esse conhecimento adiante, Como o sr se posiciona em relação a isso?
14. O que a cerâmica e o seu trabalho representam para o sr?
15. Quais significados essas peças carregam?
16. Qual legado o sr deixa?
17. O que faz esse bairro ser único?
18. Falando sobre preservação, como podemos fazer isso?
19. Hoje em dia qual é o maior desafio?

20. Para quem o sr está passando esse conhecimento?

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- Mestre MARIVALDO

21. Como a cerâmica chegou na tua vida?
22. Existe um preconceito sobre o título mestre? com a associação a um saber milenar, mas cerâmica do paracuri tem o seu valor, tem história, é sobre família tradição, um saber ancestral..
23. Em que cenário a cerâmica do paracuri está inserida?
24. Podes dar uma panorama sobre essa cultura ceramista em Icoaraci?
25. O que seriam as peças arqueológicas?
26. De onde veio o seu interesse em se especializar?
27. Existe uma diferenciação de reconhecimento de valor dessas peças?
28. O que caracteriza um mestre?
29. Como a gente preserva esse saber e consegue repassar ele adiante?
30. Aonde que o seu trabalha já chegou?
31. Quais significados essas peças carregam?
32. O que faz esse bairro ser único?
33. Qual legado o sr deixa?
34. Qual seria o futuro desse saber ancestral?
35. Existe um cruzamento de conhecimentos e como ele interfere na produção oleira?
36. Qual o maior desafio?
37. Qual seria o futuro da cerâmica?
38. Para quem o sr passa esse conhecimento?
39. O que a cerâmica e o seu trabalho representam para o sr?